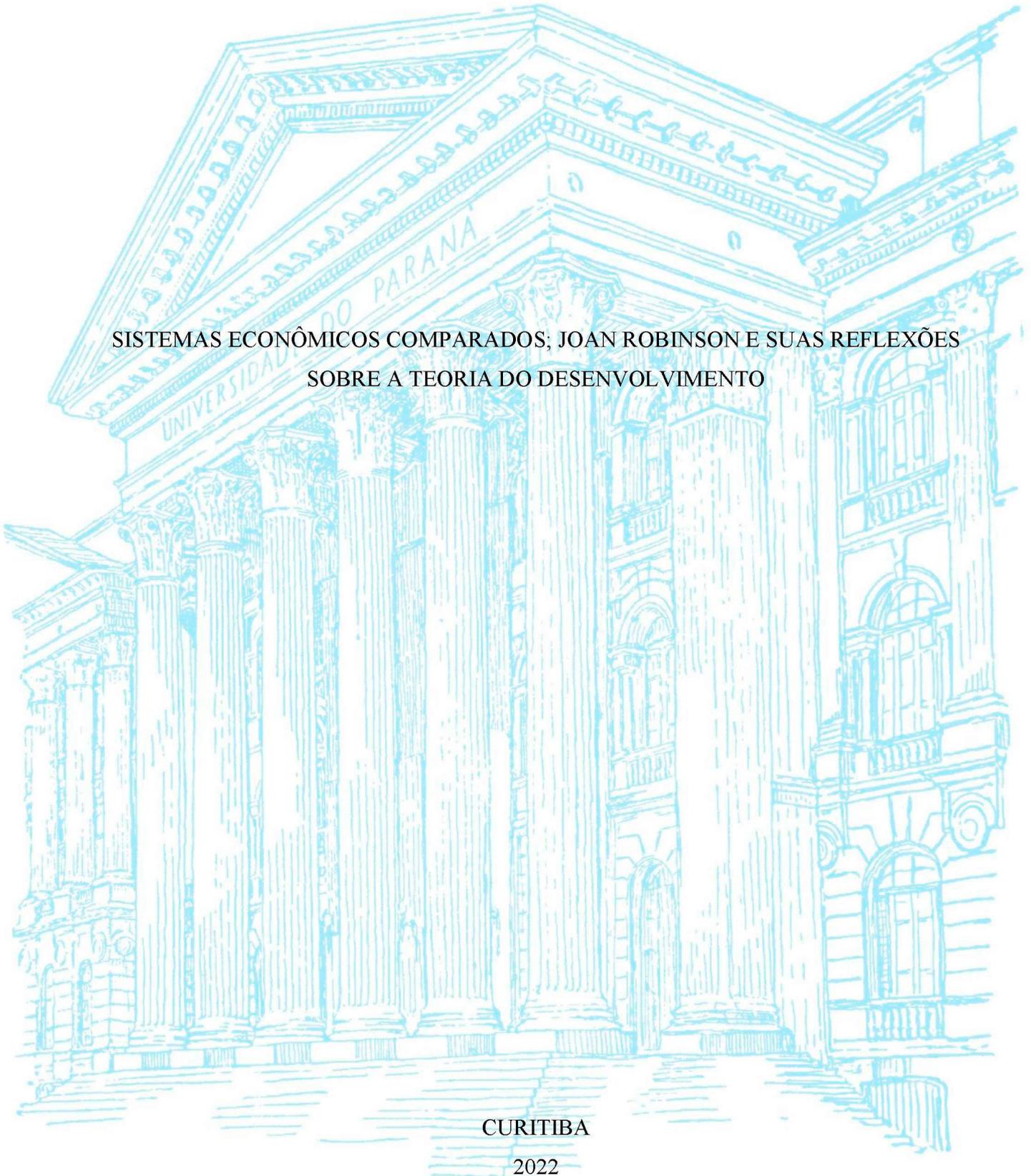


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SÉRGIO SOARES BRAGA

SISTEMAS ECONÔMICOS COMPARADOS; JOAN ROBINSON E SUAS REFLEXÕES
SOBRE A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO



CURITIBA

2022

SÉRGIO SOARES BRAGA

SISTEMAS ECONÔMICOS COMPARADOS; JOAN ROBINSON E SUAS REFLEXÕES
SOBRE A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). José Felipe Araujo de Almeida

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

SÉRGIO SOARES BRAGA

**SISTEMAS ECONÔMICOS COMPARADOS; JOAN ROBINSON E SUAS REFLEXÕES
SOBRE A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Prof. Dr. José Felipe Araujo de Almeida
Orientador – Departamento de Ciências Econômicas (UFPR)

Prof. Dr. Marco Antonio Ribas Cavalieri
Departamento - Departamento de Ciências Econômicas (UFPR)

Prof. Dr. Victor Cruz e Silva
Departamento - Departamento de Ciências Econômicas (UFPR)

Curitiba, 17 de setembro de 2022.

Dedico este trabalho a Marce, Lúcia e Rodrigo
Laudo Braga (*in memoriam*) & Hilda Braga.

AGRADECIMENTOS

Retomar um curso de economia após um longo tempo é sempre um desafio. Felizmente, tive a oportunidade de frequentar disciplinas com professores de alta qualidade que me estimularam durante esse processo. Agradeço, em primeiro lugar, ao Prof. Felipe Almeida, cujas brilhantes aulas da disciplina de HPE no curso noturno de economia me incentivaram a retomar o interesse pelo tema e por outros enfoques metodológicos mais contemporâneos, que redundaram nessa monografia. É um privilégio para um curso de graduação ter um professor tão produtivo do ponto de vista acadêmico e, ao mesmo tempo, orientado para atividades de ensino de graduação, pesquisa e extensão, que sabe motivar e manter o interesse dos estudantes na disciplina. Durante a pandemia, tive a oportunidade de frequentar excelentes cursos ministrados por excelentes professores, com os quais aprendi muito. Citá-los nominalmente seria incorrer o risco de alguma omissão, mas agradeço a todas e todos pelo profissionalismo e dedicação por manter o curso funcionando durante a pandemia, com excelente nível de qualidade nas matérias ofertadas remotamente. Agradeço também ao Prof. Marco Cavalieri pelas palavras de incentivo e receptividade quando resolvi cursar a graduação em ciências econômicas na UFPR, retomando uma atividade interrompida no século passado por fatores alheios à minha vontade.

The real source of trouble is the confusion between comparisons of equilibrium positions and the history of a process (Joan Robinson, *apud* MARGLIN, 2021)

“Volver a los diecisiete. Después de vivir un siglo. Es como descifrar signos.
Sin ser sabio competente” (V. Parra)

RESUMO

O objetivo dessa monografia é fazer um estudo sobre o papel desempenhado pela teoria do desenvolvimento na obra da economista inglesa Joan Robinson e sua relação com o campo do keynesianismo, a partir da perspectiva analítica dos sistemas econômicos comparados. Para concretizar esse objetivo adotaremos uma metodologia mista, quantitativa e qualitativa. Assim, numa primeira etapa, efetuaremos um breve estudo bibliométrico sobre as relações de Joan Robinson com o campo do keynesianismo, com destaque para suas reflexões sobre o desenvolvimento econômico. Numa segunda etapa, buscaremos efetuar um estudo interpretativo e uma análise qualitativa da bibliografia, buscando demonstrar a proposição de que Joan Robinson aplicou sua proposta de elaborar um “keynesianismo de longo prazo” na análise comparada de diferentes sistemas econômicos. Os resultados ilustram a importância de uma reflexão sobre o desenvolvimento econômico de longo prazo na obra da economista inglesa, servindo também para refletir melhor sobre as especificidades de sua inserção no campo do keynesianismo. Esse procedimento nos permite caracterizar a economista inglesa como uma “pós-keynesiana crítica”, que buscava dialogar com a economia marxista, incorporando à sua agenda de pesquisa a análise de modelos econômicos alternativos, incluindo os projetos de construção de economias “socialistas” na periferia do capitalismo, transcendendo assim o campo do keynesianismo tradicional, preocupando basicamente com a crítica dos modelos de equilíbrio da economia neoclássica e de análise dos fatores associados à instabilidade em uma economia monetária capitalista, bem como de sua regulação com vistas a atingir a “estabilidade macroeconômica”.

Palavras-chave: Joan Robinson. Teoria do Desenvolvimento. Desenvolvimento Econômico. Sistemas Econômicos Comparados. Economia keynesiana.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to study the theory of development in the work of the English economist Joan Robinson and its relationship with the field of Keynesianism. To achieve this objective we will adopt a mixed methodology, quantitative and qualitative. Thus, in a first step, we will carry out a brief bibliometric study on Joan Robinson's relations with the field of Keynesianism, highlighting her reflections on economic development. In a second stage, we will seek to carry out an interpretative study and a qualitative analysis of the bibliography, seeking to demonstrate the proposition that Joan Robinson applied her proposal of elaborating a "long-term Keynesianism" in the comparative analysis of different economic systems. The results illustrate the importance of a reflection on long-term economic development in the work of the English economist, also serving to better reflect on the specifics of her insertion in the field of Keynesianism. This procedure allows us to characterize the English economist as a "critical post-Keynesian", who sought to dialogue with Marxist economics, incorporating into her research agenda projects to build "socialist" economies on the periphery of capitalism, thus transcending the field of Keynesianism. tradition, basically concerned with the critique of equilibrium models of neoclassical economics and the analysis of factors associated with instability in a capitalist monetary economy.

Keywords: Joan Robinson. Development Theory. Economic development. Comparative Economic Systems. Keynesian economics.

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

FIGURAS	Pág.
FIGURA 01 – CITAÇÕES POR ANO DE JOAN ROBINSON NO <i>GOOGLE SCHOLAR</i>	18
FIGURA 02 – GRÁFICO DE TRÊS CAMPOS DA PRODUÇÃO SOBRE KEYNESIANISMO.....	31
FIGURA 03 – EXPRESSÕES MAIS FREQUENTES NO CAMPO KEYNESIANO-ROBINSIANO.....	32
FIGURA 04 – MAPA DE ESTRUTURA CONCEITUAL DO CAMPO KEYNESIANO-ROBINSIANO.....	33
FIGURA 05 – AUTORES COM MAIOR IMPACTO EM NÚMERO DE CITAÇÕES.....	34
FIGURA 06 – RELAÇÕES ENTRE FONTES, AUTORES E TERMOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS SOBRE JR.....	35
FIGURA 07. - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-OCORRÊNCIAS DE PALAVRAS-CHAVE.....	37
FIGURA 08 - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-OCORRÊNCIAS DAS PALAVRAS-CHAVE.....	39
FIGURA 09 - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-OCORRÊNCIAS DAS PALAVRAS-CHAVE DE 89 ARTIGOS SELECIONADOS SOBRE “JOAN ROBINSON”.....	41
FIGURA 10 - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-CITAÇÕES DOS AUTORES.....	44
FIGURA 11 - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-CITAÇÕES DOS AUTORES.....	46
FIGURA 12 - TABELA DE SISTEMAS ECONÔMICOS SEGUNDO FEIJÓ (2008).....	53
 GRÁFICOS 	
GRAFICO 01 – NÚMERO DE PUBLICAÇÕES E CITAÇÕES AO LONGO DO TEMPO (n = 388)....	29
GRAFICO 02 - ASSUNTOS DAS PUBLICAÇÕES SOBRE KEYNESIANISMO E JR (N = 388).....	30
GRÁFICO 03 – DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DAS PUBLICAÇÕES: KEYNESIANISMO & JR (1937-2022).....	36

LISTA DE QUADROS E TABELAS

	Pag.
QUADROS	
QUADRO 01 – OBRAS MAIS CITADAS DE E SOBRE JOAN ROBINSON NO <i>GOOGLE SCHOLAR</i> .	19
QUADRO 02 – CARACTERÍSTICAS DAS BASES BIBLIOGRÁFICAS EXAMINADAS.....	24
QUADRO 03 -SINTESE: CORRENTES DE PENSAMENTO ECONÔMICO VINCULADAS A JR E SUAS AGENDAS DE PESQUISA.....	48
QUADRO 04 - TEXTOS DE IMPACTO SOBRE JOAN ROBINSON.....	49
QUADRO 05 – QUADRO-SINTESE DOS SISTEMAS ECONÔMICOS COMPARADOS.....	68
TABELAS	
TABELA 01 – RESULTADOS DA BUSCA NAS BASES BIBLIOGRÁFICAS.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

WS	- Web of Science.
VOV	- VosViewer.
JR	- Joan Robinson.

LISTA DE SÍMBOLOS

©- copyright

@ - arroba

®- marca registrada

Σ - somatório de números

Π - produtório de números

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: POR QUE REVISITAR JOAN ROBINSON, HOJE?.....	16
1.1	Justificativa.....	20
1.2	Objetivos	21
1.3	Metodologia.....	22
2	JOAN ROBINSON E O KEYNESIANISMO: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO E UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.	25
2.1	Joan robinson e o keynesianismo na base de dados <i>WS</i>	28
2.2	Joan Robinson e o keynesianismo na base de dados <i>scopus</i>	35
2.3	Conclusões.....	49
3	SISTEMAS ECONÔMICOS COMPARADOS: JOAN ROBINSON E SUAS REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	51
3.1	A noção de sistemas ou modelos econômicos comparados.....	51
3.2	A teoria do desenvolvimento em Joan Robinson e a análise comparada dos sistemas econômicos.....	55
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS	72
	ANEXO 01: PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES CITADAS NAS BASES DE DADOS SCOPUS E WS.....	76
	ANEXO 02 – ECONOMISTAS ESTRUTURADORES DE CADA CLUSTER DE ARTIGOS SOBRE JR.....	77

1 INTRODUÇÃO – POR QUE REVISITAR JOAN ROBINSON, HOJE?

Em um artigo publicado em abril de 2021 no *The New York Times*, intitulado “A mulher que desconstruiu os mitos do livre mercado” (tradução livre de “*The woman who shattered the myth of the free market*”), que circulou amplamente nas redes de economistas pelo mundo¹, Zachary Carter, o autor do artigo, chama a atenção para a atualidade de vários aspectos da obra de Joan Robinson (doravante referida como JR), especialmente num contexto de pós-pandemia, onde a economia ortodoxa tradicional, de matiz neoclássica, tem dificuldades para sugerir políticas públicas que levem a uma reativação sustentável da atividade econômica no longo prazo. O autor do artigo chama a atenção para vários elementos da obra de JR que contestam a “sabedoria convencional” da ortodoxia econômica, corporificada nos manuais de microeconomia ortodoxos e na chamada “síntese neoclássica da macroeconomia keynesiana” (HICKS, 1939), e conclui seu artigo afirmando que “Joan Robinson morreu sem ter mesmo usufruído do reconhecimento público que seus colegas homens receberam [refere-se ao fato da autora não ter ganhado o prêmio Nobel de Economia – SSB]. Atualmente, no entanto, suas idéias estão tendo um destacado renascimento” (CARTER, 2021).

Como exemplos do “renascimento” dessas idéias de Joan Robinson, o autor do artigo destaca a recuperação de suas análises sobre a “concorrência imperfeita”, competição monopolística e organização do mercado de trabalho, que estariam influenciando o debate sobre legislação anti-truste nas comissões do Congresso dos EUA, contestando a sabedoria convencional marshallina codificada nos manuais de economia neoclássica que são ensinados em muitas universidades norte-americanas, ainda nos dias de hoje. Nas palavras do próprio autor: “Hoje em dia suas ideias estão desfrutando um notável renascimento. A renovada influência da *Teoria Geral* tem sido evidente na série de projetos de estímulo econômico de vários trilhões de dólares assinados em lei no ano passado². E um renovado interesse no

¹ Cf. a timeline do Twitter com comentários e postagens sobre o referido artigo : https://twitter.com/search?q=The%20woman%20who%20shattered%20the%20myth%20of%20the%20free%20market&src=typed_query (coletam em agosto de 2022).

² O autor se refere ao elenco de medidas econômicas que ficou conhecida como “Plano Biden”, lançado em abril de 2021 e contendo um pacote de gastos de cerca de U\$ 3 trilhões de dólares, para aliviar as perdas sofridas pela economia dos EUA em virtude da pandemia de covid-19, e estimular a retomada da atividade econômica nos EUA. Cf. o artigo intitulado: *Biden busca reverter décadas de desigualdade com plano econômico*, publicado pelo jornal *Valor Econômico*: <https://12ft.io/proxy?q=https%3A%2F%2Fvalor.globo.com%2Fmundo%2Fnoticia%2F2021%2F03%2F>

fenômeno do monopólio revela-se igualmente patente. Com efeito, um crescente corpo de literatura empírica indica que os *insights* conceituais de Robinson estavam corretos: a intensificação da concentração econômica nas grandes corporações comprimiu os salários reais dos trabalhadores no último quarto de século. A concorrência imperfeita não é apenas real, mas também parece estar se intensificando. O economista Simcha Barkai, por exemplo, estima em cerca de US\$ 14.000,00 por ano o montante de salários reais perdidos por um trabalhador norte-americano típico³. (...) Os economistas também estão se sentindo cada vez mais confortáveis em admitir a ideia de que grandes déficits orçamentários do governo não são apenas uma medida de emergência para enfrentar desequilíbrios de mercado, mas um fenômeno normal para manter uma economia desenvolvida em funcionamento adequado. O mesmo pode ser dito no tocante à regulamentação para garantir que os trabalhadores sejam adequadamente pagos da forma que eles merecem. A dívida para com Joan Robinson está finalmente sendo paga” (CARTER, 2021. Tradução livre do autor).

Estas são algumas evidências de que as idéias da ilustre economista inglesa continuam influenciando o debate público e despertando o interesse de muitos analistas contemporâneos (e não apenas de economistas, como veremos adiante). Com efeito, fazendo uma pesquisa sumária pela internet, podemos coletar indícios dessa manutenção do interesse pela obra de Robinson, tais como a reedição de textos importantes de sua autoria por editoras universitárias brasileiras (ROBINSON, 2022), artigos publicados sobre a economista inglesa por pesquisadores brasileiros reconhecidos internacionalmente (ALVES, 2022; BOIANOVSKY, 2022), e premiações internacionais com seu nome por instituições amplamente reconhecidas pela comunidade internacional de economistas⁴.

[2F30%2Fbiden-busca-reverter-decadas-de-desigualdade-com-plano-economico.ghtml](https://www.brasildefato.com.br/2021/04/21/entenda-do-que-se-trata-o-plano-biden-para-reativar-a-economia-dos-eua). Cf. também. <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/21/entenda-do-que-se-trata-o-plano-biden-para-reativar-a-economia-dos-eua>.

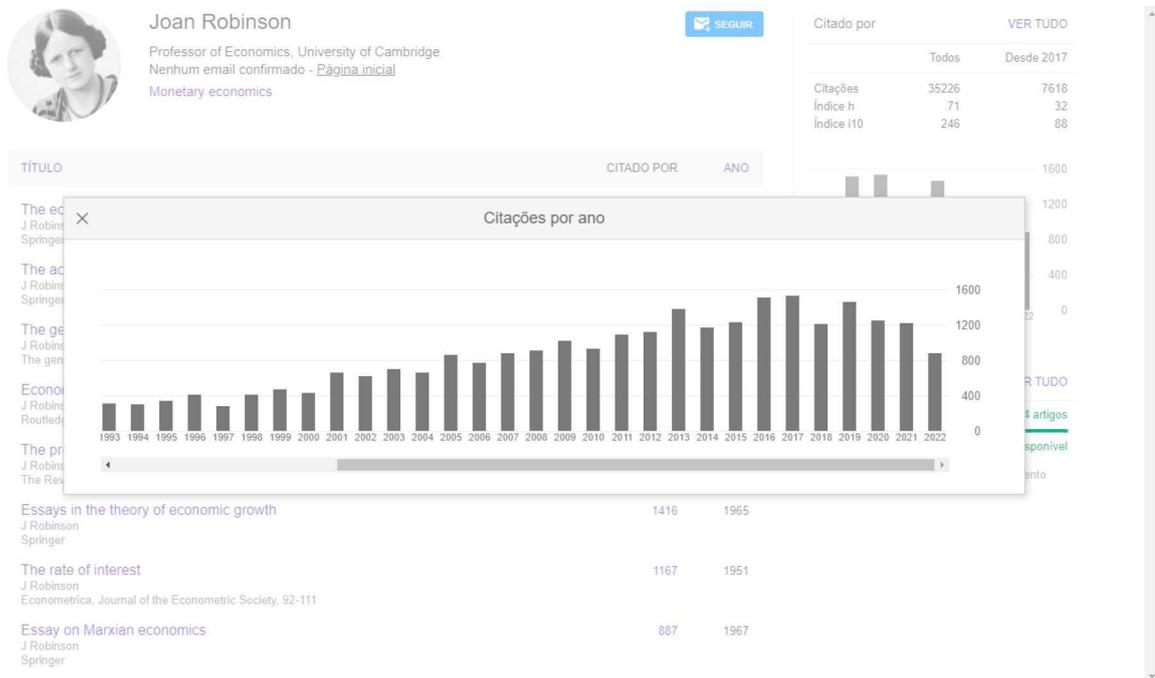
³ Referência aos recentes artigos publicados pelo economista norte-americano analisando as crescentes desigualdades sociais na economia norte-americana: <https://sites.google.com/view/simcha-barkai/home> (acesso em agosto de 2022).

⁴ Cf. o *release* da recém-lançada obra de Joan Robinson, *Filosofia Econômica*, no site da editora Unesp (<http://editoraunesp.com.br/blog/joan-robinson-examina-intersecoes-da-economia-com-a-ciencia-e-a-ideologia->). Por sua vez, várias instituições universitárias ao redor do mundo concedem anualmente “prêmios Joan Robinson”, em reconhecimento a contribuições no campo da teoria econômica heterodoxa, e também como incentivo financeiro a jovens pesquisadores. Cf. o *website* da conhecida *European Association for Evolutionary Political Economy*, que anualmente concede prêmios com o nome da economista inglesa para obras científicas de teoria e desenvolvimento econômico (https://eaepe.org/?page=awards&side=eaepe_joan_robinson_prize&sub=2021). Cf. também o *Joan Robinson endowment fund and prize*, concedido anualmente para estudantes que se destacam em pesquisas econômicas concedido pelo *Centro de estudos de desenvolvimento da Universidade*

Entretanto, de qual Joan Robinson se trata exatamente? Como veremos mais adiante, há “várias Joan Robinson”, como ela mesma admitiu, da discípula de Marshall que procurou contestar alguns fundamentos da teoria econômica microeconômica neoclássica tradicional, mas ainda dentro desse campo analítico (ROBINSON, 1933), até a polemista *enfant terrible* dos anos 70, que simpatizou com a revolução cultural chinesa e atacava com veemência os fundamentos da teoria econômica ortodoxa ou *mainstream* (ROBINSON & FEIWEL, 1973). Como veremos adiante, há várias etapas da elaboração teórica de sua obra, fato admitido pela própria autora e observado por vários estudiosos de suas idéias.

Antes de entrarmos na explicitação dos objetivos deste trabalho, convém, no entanto, fornecer mais algumas evidências ou fatos estilizados para ilustrar a importância de Joan Robinson para a história do pensamento econômico e para a própria teoria econômica contemporânea. Vejamos, por exemplo, o número de citações de suas obras na plataforma *Google Scholar*.

FIGURA 01 – CITAÇÕES POR ANO DE JOAN ROBINSON NO *GOOGLE SCHOLAR*



Fonte: *Google Scholar* (último acesso em: agosto de 2022)

Uma boa forma de responder de forma mais fundamentada à pergunta que abre este capítulo é avaliar o impacto de Joan Robinson no índice de citação *Google Scholar*, uma das

de Kirala, Índia, onde Joan Robinson foi professora visitante por um curto período de tempo (<https://cds.edu/endowments/joan-robinson-endowment-fund-and-prize/>).

principais bases bibliográficas utilizadas pelos pesquisadores e cientistas de diversas áreas do conhecimento no mundo inteiro. O gráfico acima ilustra o interesse crescente pela obra de Joan Robinson (doravante referida como JR) ao longo dos anos com um total de 35226 citações de suas obras entre 1993 e 2022, com um pico de 1600 citações em 2017, com cerca de 7618 citações de seus trabalhos a partir deste ano. A partir dessas citações são elaborados os índices h e i10, também com um robusto desempenho da economista inglesa em ambos os indicadores⁵.

Dentre as obras mais citadas de e sobre Joan Robinson nessa base bibliográfica, encontram-se as seguintes, de acordo com o índice de citação *Publish or Perish*.

QUADRO 01 – OBRAS MAIS CITADAS DE E SOBRE JOAN ROBINSON NO *GOOGLE SCHOLAR*

N	Citações	Por ano	Autores	Título	Ano
1	5893	111,2	J Robinson	The economics of imperfect competition	1969
2	2493	415,5	J Robinson	The accumulation of capital	2016
3	2292	53,3	J Robinson	The generalisation of the general theory	1979
4	2062	412,4	J Robinson	Economic philosophy	2017
5	1718	1718	M Lavoie	Post-Keynesian Economics**	2022
6	1448	20,99	J Robinson	The production function and the theory of capital*	1953
7	1416	24,84	J Robinson	Essays in the theory of economic growth	1965
8	1138	16,03	J Robinson	The rate of interest	1951
9	887	16,13	J Robinson	Essay on Marxian economics	1967
10	801	9,42	J Robinson	Essays in the Theory of Employment	1937
11	688	11,1	J Robinson	Collected economic papers	1960
12	587	11,51	J Robinson	Economic heresies	1971
13	545	10,9	J Robinson	The second crisis of economic theory*	1972
14	429	8,94	J Robinson	History versus equilibrium*	1974
15	414	8,45	J Robinson, J Eatwell	An introduction to moderns economics	1973
16	394	4,64	J Robinson	The foreign exchanges*	1937
17	349	7,76	J Robinson	What are the questions?	1977
18	326	40,75	J Robinson	Contributions to modern economics	2014
19	313	3,68	J Robinson	Introduction to the Theory of Employment	1937
20	300	6,98	J Robinson, R Joan	Aspects of development and underdevelopment	1979

Fonte: *Publish or Perish*, comando Joan Robinson (atualizada em agosto de 2022)

Das 20 obras mais citadas de e sobre JR no *Google Scholar* 15 são livros ou coletânea de artigos de sua autoria, 4 são artigos científicos geralmente republicados em coletâneas, e 1

⁵ O índice h é um indicador utilizado para quantificar e mensurar impacto da produção científica dos pesquisadores, e é definido a partir do maior número “h” de artigos científicos desse pesquisador que têm pelo menos o mesmo número “h” de citações cada um. Já Índice i10 é o número de publicações com pelo menos 10 citações. Criado pela Google Scholar, o índice i10 é uma das funcionalidades do *My citations*.

é o estudo de Marc Lavoie sobre a economia pós-keynesiana⁶. A obra mais citada de JR ainda é a sua obra de polêmica com a economia neoclássica marshalliana, onde criticava os postulados da concorrência perfeita e da livre mobilidade da força de trabalho, e que deu início a seu descolamento da ortodoxia econômica de então para o campo do keynesianismo (MARCUIZZO, 2013). Em seguida, vem as obras de “ruptura”, onde Robinson critica inclusive alguns dos postulados do próprio campo keynesiano (HARCOURT & KERR, 2009), tais como *The generalization of the general theory* (ROBINSON, 1952) e *A acumulação de capital* (ROBINSON, 1956), obras de polêmica com o campo keynesiano tradicional, orientado essencialmente para a explicação e análise das flutuações de curto prazo da economia monetária e das decisões de investimento sob condições de incerteza. Destacam-se em seguida alguns ensaios de escopo mais abrangente onde JR procurava dialogar com outros campos das ciências sociais, defendendo uma visão interdisciplinar das ciências econômicas, tais como a obra *Filosofia econômica*, recentemente reeditada no Brasil (ROBINSON, 1962; 2022), e outros trabalhos mencionados abaixo.

1.1 JUSTIFICATIVA.

As evidências apresentadas acima ilustram a importância e o impacto das obras de JR na economia moderna, mostrando que sua obra não tem apenas uma importância histórica, mas de certa forma ainda influencia o debate público sobre políticas regulatórias e de desenvolvimento no capitalismo contemporâneo, especialmente no campo heterodoxo, repercutindo inclusive nos debates relacionados à elaboração da “macro-economia novo-desenvolvimentista”, no Brasil (CURADO & SILVA, 2018).

Como vimos, no artigo publicado pelo *New York Times* são enfatizadas especialmente as contribuições de JR no período inicial de sua elaboração teórica, quando se projetou como uma das pioneiras da *teoria da concorrência imperfeita*, que questionava os postulados da teoria neoclássica mais tradicional sobre o funcionamento dos mercados de bens e do mercado de trabalho (HELLER, 1997). Com efeito, no *mainstream* mais ortodoxo da ciência econômica, estes são os aspectos mais conhecidos da obra da economia inglesa, o que faz com que seus

⁶ O livro de Marc Lavoie é uma referência básica para o estudo do pós-keynesianismo e é uma reedição de seu estudo anterior (LAVOIE, 2014; 2022). Cf. também o website do economista, com um apanhado de suas obras: <https://marc-lavoie.com/> (último acesso em agosto de 2022).

trabalhos sejam ainda hoje citados nos manuais e nos cursos de microeconomia neoclássica (FERGUSON & GOLD, 1975: p. 313), ou incorporadas sem menção explícita nos livros-texto mais recentes. Entretanto, interessa-nos aqui mais os aspectos de sua obra “tardia”, especialmente quando aplicou o “keynesianismo de longo prazo” elaborado em suas obras de maturidade, na análise dos processos de desenvolvimento das economias periféricas, especialmente de economias como a China, Índia, Egito, mas também de outros países como a Argentina e mesmo o Brasil, o que de alguma maneira singulariza suas contribuições no campo do keynesianismo.

Isto posto, podemos apresentar alguns objetivos gerais e específicos da presente monografia, bem como esclarecer os aspectos que abordaremos nos próximos capítulos.

1.2 OBJETIVOS

Nesse contexto, o objetivo mais geral dessa monografia é refletir sobre o papel da teoria do desenvolvimento na obra de Joan Robinson. Nosso interesse pelo tema adveio do contato com obras recentes onde é enfatizada a importância da análise de JR sobre o processo de desenvolvimento de países da periferia do capitalismo, especialmente a China (TAHIR, 2019; BOIANOVSKY & SERRA, 2021). Entretanto, um ponto que nem sempre fica esclarecido é a relação dessas análises de JR no período final de sua produção científica com algumas idéias elaboradas anteriormente, especialmente a partir da obra *Acumulação de Capital*, obra que de certa forma a singulariza no campo do (pós)keynesianismo. A hipótese básica que orientava nosso estudo era a de que o vasto programa investigativo empreendido pela autora a partir de então, de análise comparada do processo de desenvolvimento de diversos sistemas econômicos, não ocorria por acaso ou por preferências de cunho político-ideológico, mas derivava de certa forma de sua inserção singular dentro do campo teórico pós-keynesiano e “heterodoxo” de uma maneira geral. Para abordar essa questão de pesquisa mais geral (Qual a relação da análise dos processos de desenvolvimento empreendidos por JR no final de sua vida com sua elaboração teórica anterior?) nos lançamos inicialmente a um processo de revisão bibliométrica de sua obra e de sua inserção no campo keynesiano para procurar responder a estas indagações de maneira mais fundamentada, num primeiro momento. E, em seguida, buscamos efetuar uma análise interpretativa de cunho mais qualitativo sobre os principais elementos de sua abordagem sobre o processo de desenvolvimento de várias economias capitalistas, tanto do centro como da periferia do capitalismo, buscando explicitar como a autora

caracterizava e avalia normativamente os diferentes sistemas econômicos por ela analisados, de forma comparada.

Portanto, o objetivo dessa monografia é fazer um estudo sobre as concepções de desenvolvimento econômico na obra da economista inglesa Joan Robinson e sua relação com o campo do keynesianismo. Para concretizar esse objetivo adotaremos uma metodologia mista, quantitativa e qualitativa. Assim, numa primeira etapa, efetuaremos um estudo bibliométrico sobre as relações de Joan Robinson com o campo do keynesianismo, com destaque para suas reflexões sobre o desenvolvimento econômico. Numa segunda etapa, buscaremos efetuar um estudo interpretativo e uma análise qualitativa da bibliografia, buscando demonstrar a proposição segundo a qual JR aplicou sua proposta de elaborar um “keynesianismo de longo prazo” na análise comparada de diferentes sistemas econômicos, e também para elaborar alguns parâmetros normativos para avaliar suas características. Os resultados ilustram a importância de uma reflexão sobre o desenvolvimento econômico de longo prazo na obra da economista inglesa, servindo também para refletir melhor sobre as especificidades de sua inserção no campo do keynesianismo, caracterizando-a como uma “pós-keynesiana crítica”, que buscava dialogar com a economia marxista e analisar de maneira sistemática os projetos de construção de economias “socialistas” na periferia do capitalismo, transcendendo assim o campo do keynesianismo tradicional, preocupando basicamente com a crítica dos modelos de equilíbrio dos mercados da economia neoclássica e de análise dos fatores associados à instabilidade em uma economia monetária.

1.3 METODOLOGIA

Como recursos metodológicos para o presente estudo utilizaremos, em primeiro lugar, a bibliometria, e em seguida, a análise interpretativa de textos para tentar organizar as contribuições de JR a partir da abordagem dos “sistemas econômicos comparados”, desenvolvida recentemente por alguns autores (FEIJÓ, 2008; dentre outros).

No tocante ao primeiro aspecto, a análise bibliométrica é um recurso utilizado cada vez mais frequentemente por diversos pesquisadores para mapear as características de um determinado campo científico⁷. Com efeito, a literatura distingue várias modalidades de revisão

⁷ Para uma sugestiva tentativa de mapear o campo dos periódicos heterodoxos utilizando técnicas bibliométricas e de análise de redes, conferir a recente tese de doutorado de Marindia Brites (BRITES, 2021). Cf. também os estudos de Felipe Almeida e Luis Gustavo de Paula, no campo da HPE

da literatura e de mapeamento de um campo científico, tais como a revisão narrativa, a cientometria, a bibliometria, a revisão de escopo e a revisão sistemática. Algumas de suas características estão indicadas abaixo:

i. *Revisão narrativa*, que são revisões sem critério objetivo de seleção e contendo geralmente comentários genéricos sobre as contribuições dos autores a partir de algum critério subjetivo da escolha do autor;

ii. *Cientometria*, que pode ser definida como a “ciência da ciência” ou a “sociologia da ciência”. Segundo especialistas, diferente da bibliometria, a análise cientométrica não se restringe às referências bibliográficas, mas abrange outros aspectos referentes ao campo de elaboração da atividade científica, além dos achados analíticos no sentido estrito: “Diferentemente da bibliometria, a análise cientométrica não se restringe à análise estatística de variáveis bibliográficas, podendo se amparar em outros desenhos de pesquisa que tenham como foco o aprofundamento da compreensão sobre a estrutura, desenvolvimento e tendências da ciência. Seu intuito é fornecer subsídios para a tomada de decisão em políticas que dizem respeito à administração da ciência, bem com oferecer melhores entendimentos aos pesquisadores sobre seus temas de investigação para que, com isso, possam refletir e decidir sobre suas próprias estratégias de pesquisa futuras (YANG; YUAN, 2017)” (CLEMENTE et. al., 2021).

iii. *A bibliometria*, que consiste na revisão de grande quantidade de metadados bibliográficos para descobrir tendências de um determinado tema: “a potencialidade da análise bibliométrica está em identificar a natureza de uma determinada área de conhecimento (BUNEA; BAUMGARTNER, 2014), possibilitando elencar grupos e estruturas construídas com resultados mensurados” (CLEMENTE et. al, 2021; ALMEIDA & PAULA, 2019).

iv. *A revisão de escopo*, que consiste na avaliação preliminar sobre extensão e características de uma dada literatura disponível, contemplando uma discussão mais narrativa dos achados dessa literatura (GRANT & BOOTH, 2009);

v. E, por fim, mas não menos importante, a *revisão sistemática*, que pode ser definida como a análise e discussão mais qualitativa sobre os achados substantivos da bibliografia relevante, a partir de critérios previamente definidos.

Nesta monografia, nos concentraremos inicialmente na análise bibliométrica e, parcialmente, na revisão sistemática, na medida em que buscaremos efetuar um balanço mais

(ALMEIDA & PAULA, 2019), e de Augusto Clemente no campo das políticas públicas (CLEMENTE et al., 2021), que tiveram grande influência da elaboração deste estudo.

qualitativo das principais contribuições dos autores que estudaram JR e caracterizar sua inserção no campo do keynesianismo, verificando a relevância de sua reflexão sobre os processos de desenvolvimento de diferentes sistemas econômicos.

Devemos esclarecer ainda que, para o mapeamento de um campo específico da ciência é possível a utilização de três bases de indexação mais importantes: a) a *Web of Science* (doravante referida como *WS*), propriedade de *Clarivate Analytics* que inclui um índice central e uma indexação da SciELO, é uma das mais conhecidas e “tradicional” delas; ii) a base *Scopus*, base da editora Elsevier, também bastante utilizada; e, por fim, iii) a base livre *Dimensions*, que é popular entre usuários de múltiplas ferramentas de análise bibliométrica, sendo uma base de acesso livre que recupera informações de grande número de fontes e permite integração com diversas aplicações, como o *Bibliometrix* e o *CiteSpace*. Cada uma dessas bases possui vantagens e desvantagens, pontos fortes e pontos fracos que podem ser resumidas no quadro abaixo.

QUADRO 02 – CARACTERÍSTICAS DAS BASES DE DADOS BIBLIOGRÁFICAS

	WS	Scopus	Dimensions
Link:			
Tamanho do acervo	Mais restrito	Medianamente restrito	Mais amplo
Classificação	Separação segundo áreas de conhecimento	Categorias excessivamente agregada	Mesmo material em mais de uma classificação e denominações pouco específicas
Tipo de material incluído	Base mais restrita	Base medianamente restrita	Base mais ampla, mas com muito material “cinza”
Ferramentas de análise dos resultados	- análises de citação, linha de número de artigos publicados por ano e h-index, bem como informações a respeito dos pesquisadores e instituições - única a oferecer possibilidade de download de dados em forma de gráfico e planilha	- - análises de citação, linha de número de artigos publicados por ano e h-index, bem como informações a respeito dos pesquisadores e instituições	- análises de citação, linha de número de artigos publicados por ano e h-index, bem como informações a respeito dos pesquisadores e instituições
Ampliação dos resultados	- WS é recomendada para estudos do mainstream, já que seu acervo é mais restrito, e geralmente necessita de menos filtragem e edição por parte do pesquisador.	- <i>Scopus</i> é a alternativa com mais resultados para as Ciências Humanas, embora ainda precise de verificação para exclusão de resultados de pouca relação com o assunto de interesse	- <i>Dimensions</i> é a base mais ampla, mas menos amigável para pesquisadores sem familiaridade a respeito da área analisada, exigindo refino dos resultados.

Fonte: Elaboração própria.

Nesta monografia utilizamos as duas primeiras e, parcialmente, o *Google Scholar*, na medida em que nosso objetivo não é efetuar uma análise bibliométrica exaustiva de todo o campo do keynesianismo e das contribuições de JR a este campo, mas somente efetuar um

mapeamento preliminar a fim de ilustrar a importância de JR e de suas reflexões sobre o desenvolvimento no campo da economia heterodoxa.

Sendo assim, essa monografia está dividida em duas partes. No capítulo 2 efetuaremos uma análise bibliométrica da literatura sobre JR e sua inserção no campo keynesiano. No capítulo seguinte, a partir desse mapeamento quantitativo, avançaremos na análise mais qualitativa de algumas das contribuições de JR para a análise comparada dos processos de desenvolvimento econômico.

2 JOAN ROBINSON E O KEYNESIANISMO: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO E UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Em sua densa introdução à edição brasileira de *“Ensaio sobre a Teoria do Crescimento Econômico”*, publicada originalmente no início da década de 1980 na coleção *Os economistas*, Tamás Szmeccsányi afirmava que “Nas páginas que seguem, procura-se reconstruir e analisar a trajetória intelectual de JR, destacando as influências teóricas que a balizaram. Isso é feito basicamente através do exame de seus livros, já que, até o presente, quase inexistem tanto trabalhos biográficos sobre ela, bem como análises do conjunto de sua obra – o que não deixa de ser curioso em se tratando de pessoa tão conhecida” (SZMRECSÁNYI, 1983: p. 265. Sublinhados nossos)⁸. Hoje em dia essa afirmação dificilmente corresponderia à realidade, na medida em que é vasto o repertório ou o estoque de estudos sobre múltiplos aspectos da obra e da vida de JR. A título de exemplo, e tentando organizar os trabalhos mais substantivos de forma cronológica, citemos alguns dos principais livros, que buscam empreender uma avaliação mais abrangente da obra da economista inglesa, já que artigos científicos relacionados às contribuições parciais de JR para a análise econômica serão examinados em seguida.

FEIWEL (1989), por exemplo, um dos principais especialistas em história do pensamento econômico, organizou um alentado tomo de 985 páginas, distribuídos em 47 capítulos, abordando vários aspectos da obra e da personalidade de JR, logo após a morte da economista inglesa ocorrida em 1983⁹. A obra se divide em cinco partes, além de dois longos ensaio introdutórios do próprio organizador do livro e do prêmio Nobel em economia Paul Samuelson, examinando várias dimensões da obra de JR, tais como “Teoria econômica”, “Equilíbrio e tempo”, “Capital, crescimento e acumulação”, “Desenvolvimento e comércio internacional”, “Economia e Filosofia” e “Reminiscência pessoais”. TURNER (1989), também nos anos imediatamente posteriores ao falecimento de JR, publicou um instigante ensaio de

⁸ Várias obras de JR foram editadas no Brasil ao longo das décadas de 1970 e 1980, tendo inclusive a autora vindo ao Brasil em 1979. O contexto de vigência de uma ditadura militar, bem como o fato dela ser crítica da política do regime, certamente contribuiu para a difusão de sua obra naquele contexto. Para um tocante testemunho sobre JR de um pesquisador que conviveu com ela em Cambridge e inclusive a ciceroneou durante sua estadia ao Brasil, cf. o artigo de Joanílio Teixeira intitulado: *Em memória de Joan Robinson; a grade dama da economia*, publicado pela *Revista de Econometria* logo após o seu falecimento (TEIXEIRA, 1984).

⁹ FEIWEL, George R. (ed.) (1989). *Joan Robinson and modern economic theory*. London: Macmillan, 1989. Feiwel é um economista polonês radicado nos EUA que escreveu vários trabalhos sobre autores heterodoxos, tais como Kalecki e outros.

biografia intelectual sobre a economista inglesa, concentrando-se em suas relações com economistas dos EUA, especialmente neokeynesianos representantes da “síntese neoclássica” atuantes no MIT, como Paul Samuelson, Robert Solow, e na análise da famosa “controvérsia sobre o capital” e alguns de seus desdobramentos¹⁰. Em seguida, Ingrid Rima (RIMA, 1991), organizou um amplo trabalho com 19 capítulos com ensaios de vários especialistas na matéria, em homenagem à memória e às contribuições da economista inglesa¹¹. MARCUZZO, PASINETTI, & RONCAGLIA (1996), três dos maiores especialistas na obra de JR, organizaram outra abrangente coletânea de 26 artigos focados na relação das contribuições efetuadas pela economista inglesa com autores e áreas temáticas anteriores¹². GIBSON (2005), também organizou uma densa coletânea de 15 artigos subdividida em 3 partes, comemorativa ao centenário de nascimento de JR, que trata de vários aspectos substantivos das contribuições da autora, com ensaios de vários pesquisadores sobre o assunto¹³. ASLANBEIGUI & OAKES (2009), elaboraram estudo bio-bibliográfico sobre JR, concentrando-se na “primeira fase” de sua elaboração teórica, na abordagem em questões de microeconomia e em sua conversão ao keynesianismo a partir da publicação de *Teoria da Concorrência Imperfeita* (1933)¹⁴. Um dos livros mais completos sobre JR é a biografia intelectual escrita por HARCOURT & KERR (2009), um estudo em profundidade da economista inglesa escrito por dois de seus maiores especialistas. A obra traça um panorama abrangente e aprofundado das contribuições de JR ao desenvolvimento da análise econômica, e da evolução do pensamento da economista inglesa, inserindo-a na dinâmica do campo intelectual pós-keynesiano do pós-II Guerra Mundial¹⁵. Por fim, um último estudo de fôlego que deve ser destacado é o de TAHIR (2019), contendo uma

¹⁰ TURNER, Marjorie (1989). *Joan Robinson and the Americans*. London: Armonk. New York: M.E. Sharpe, 1989.

¹¹ RIMA, I. H. (1991). *The Joan Robinson Legacy*. London: Routledge. Destaca-se nessa coletânea o ensaio intitulado “Why not a Nobel laureate?” (p. 242-249).

¹² MARCUZZO, M. C., PASINETTI, L. L., & RONCAGLIA, A. (Eds.). (1996). *The Economics of Joan Robinson*. London/New York: Routledge. O livro está subdividido em seis partes: “A herança de Marshall”; “Na tradição de Keynes”; “Seguindo Marx, Kalecki e Sraffa”; “Crescimento, desenvolvimento e dinâmica”; “Teoria do capital e do progresso técnico”; “Método”.

¹³ GIBSON, Bill. (Ed.). (2005). *Joan Robinson's economics: a centennial celebration*. Cheltenham, UK, Northampton, MA, USA: Edward Elgar. As três partes em que se subdivide a obra são: “Retrospective”; “A sense of realism”; “Thematic breadth”.

¹⁴ ASLANBEIGUI, N.; OAKES, G. (2009). *The provocative Joan Robinson: the making of a Cambridge economist*. Duke University Press. Um estudo *avant la lettre* fazendo um balanço da obra de JR e que também se concentra em suas contribuições à microeconomia é a tese de doutorado de Cláudia Heller, uma das principais especialistas brasileiras na obra da economista inglesa (HELLER, 1996).

¹⁵ HARCOURT, Geoffrey; KERR, Prue. (2009). *Joan Robinson*. Series “Great Thinkers in Economics”. London: Palgrave-Macmillan.

densa análise sobre a evolução dos estudos de JR sobre a China, que deu início a um amplo debate sobre o tema. O livro é composto por 6 capítulos, examinando as reflexões de JR sobre o país oriental, desde suas primeiras viagens à China no pós-guerra até o período final de suas reflexões sobre o processo de desenvolvimento chinês, quando fez algumas autocríticas em relação a análises anteriores¹⁶.

Em suma: ao contrário da situação vigente quando TS escreveu sua introdução ao livro de JR, já há um bom estoque bibliográfico sobre a economista inglesa fazendo balanços aprofundados de vários aspectos de sua atividade intelectual. Entretanto, apesar da relativamente ampla bibliografia sobre a temática, ainda restam, no nosso entender, algumas lacunas no estudo da obra da autora que justificam a presente monografia. Dentre estas lacunas podemos destacar duas: a) a realização de um estudo bibliométrico atualizado fazendo um balanço do “estado da arte” atual dos estudos sobre JR; b) uma reflexão mais sistemática de suas contribuições à teoria do desenvolvimento, articulada a uma análise sobre as suas singularidades no campo da economia heterodoxa pós-keynesiana, tendo em vista os impactos recentes dessa escola de pensamento no debate latino-americano em geral, e do Brasil em particular (CURADO & SILVA, 2018).

Neste capítulo buscaremos, inicialmente, efetuar um breve estudo bibliométrico sobre JR, procurando situá-la no contexto do pós-keynesianismo contemporâneo. Procuraremos responder às seguintes indagações básicas: a) quais são as características básicas da produção sobre JR nos textos indexados nas principais bases de dados de periódicos científicos, anteriormente mencionadas? b) como se insere JR no contexto da evolução do pós-keynesianismo moderno?

Para concretizar tal análise fizemos uma busca com os termos (“Joan Robinson” OR “keynesianism”) nas bases bibliográficas citadas. Isso nos permitiu fazer um primeiro mapeamento analítico das contribuições de JR para a análise econômica recente, assim como suas relações com o keynesianismo¹⁷. Em seguida, detalharemos alguns dos resultados obtidos com estes termos em cada uma das bases de dados analisadas.

¹⁶ TAHIR, P. (2019). *Making Sense of Joan Robinson on China*. Palgrave Studies in the History of Economic Thought. London: Palgrave Macmillan.

¹⁷ Para uma distinção das várias correntes do pensamento econômico do pós-guerra influenciadas pelo pensamento de Keynes, da primeira síntese neoclássica do modelo IS-LM até os pós-keynesianos “neo-ricardianos” e posteriores, cf. o artigo de AGUIAR & SAVIANI (2017), que faz um resumo das características dos vários matizes de keynesianismo. Para a presente monografia, abrangemos todas essas subcorrentes através do mecanismo de busca “keynesianism”.

Efetuatingo pesquisas nas duas bases de dados obtivemos os resultados sumarizados na tabela abaixo.

TABELA 01 – RESULTADOS DA BUSCA NAS BASES BIBLIOGRÁFICAS

Visão geral dos resultados	WS	Scopus
Artigos	388	588
Autores	478	608
Palavras-chave	1204	1440
Referências	17155	28013
Revistas	189	298
Instituições	323	609
Período	1951-2022	1937-2022

Fonte: Elaboração própria a partir de WS e Scopus.

Ao todo foram analisados 388 artigos na *WS*, abrangendo 471 autores, 1204 palavras-chave, 17155 referências, 185 periódicos científicos (*journals*) pertencentes a 323 instituições e abrangendo o período 1951 a 2022. Já na base *Scopus*, o universo foi bem mais amplo, com 588 artigos, de 608 autores, com 1440 palavras-chave, 28013 referências, 298 revistas e 609 instituições, abrangendo o período 1937-2022. Como foram observadas algumas lacunas na base *WS*, com a falta de informações importantes em várias referências, optamos por não unificar as bases no estágio atual da pesquisa, tratando-as separadamente. Nos itens abaixo apresentamos os resultados mais significativos por nós encontrados, em cada uma das bases de dados, destacando-se as análises de co-ocorrência e co-citação.

2.1 JOAN ROBINSON E O KEYNESIANISMO NA BASE DE DADOS *WOS*.

Inicialmente, analisaremos a produção sobre o keynesianismo e JR existente na base de dados do *WS*. Seguimos o protocolo de busca abaixo¹⁸:

- a) Resultados na *WS*: (“Joan Robinson” or “Keynesianism”) = 1400 e 111.
- b) Resultados após filtros: (“Economia e afins”; “periódicos”; “inglês e línguas latinas”) = 388; 89.

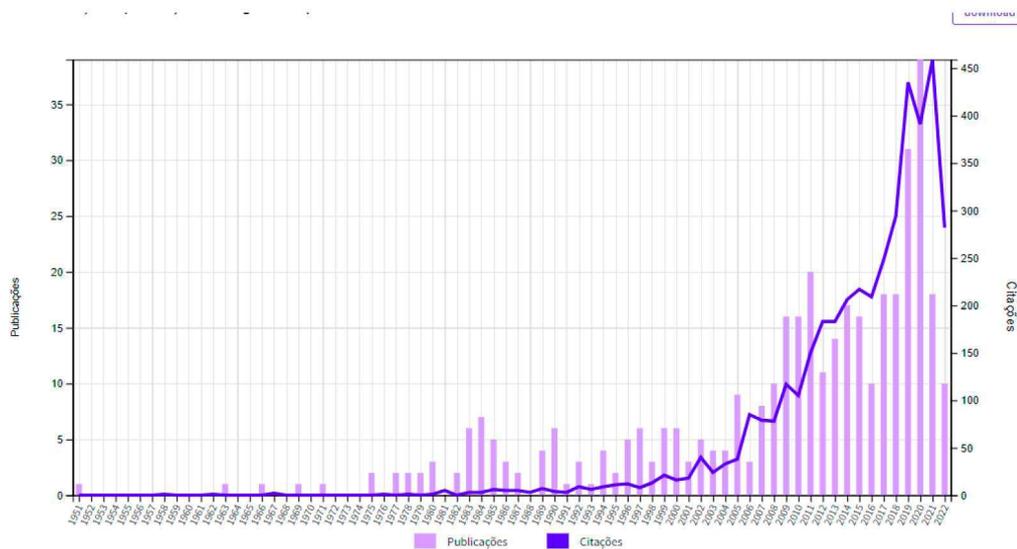
Protocolo: Categorias da *WS*: Economics or Political Science or Sociology or History or History Of Social Sciences or Geography or Social Sciences Interdisciplinary or Business or Business Finance or Development Studies or Social Issues. Clique para remover este refinamento da sua pesquisa. Tipos de documento: Artigo. Clique para remover este refinamento da sua pesquisa. **NOT** Tipos de documento: Capítulos de livros or Artigo de conferência or Acesso antecipado. Clique para remover este refinamento da sua pesquisa. Idiomas: English or French or Spanish or Portuguese. Fonte: *WS*.

¹⁸ O link do protocolo está ao lado: <https://www.webofscience.com/wos/woscc/summary/c822b196-b742-43ff-808a-0bd126577f9c-4d3add5d/relevance/1>

Para a análise bibliométrica da inserção de JR no campo do keynesianismo, nosso universo empírico é composto de 388 artigos, como vimos anteriormente. Faremos uma análise exploratória inicial utilizando o software R *Bibliometrix*, com a interface *Shine*, pois o software *VOSviewer* (doravante referido como VOS) revelou-se de pouco rendimento analítico para os arquivos do WS, causando a perda de informação e apresentação gráfica menos clara das informações coletadas. Entretanto, em seguida, para os dados coletados da plataforma *Scopus*, utilizaremos o VOS para fazer análise de co-ocorrência por palavras-chave e co-citação por autor, periódico e artigo, respectivamente. Para evitar duplicações com a análise da base do *Scopus* efetuada com auxílio do softer VOS feita a seguir, analisaremos apenas os dados do *Bibliometrix* que apresentam algum ganho analítico em relação à análise de co-ocorrência e co-citação feitas abaixo, análise também possibilitada pelo *Bibliometrix*, mas de forma mais limitada e com dados de mais difícil visualização que o VOS.

A distribuição temporal do total de 388 artigos publicados entre os anos de 1951 e 2022 tem uma linha de tendência de aumento constante, especialmente a partir de 1994, como se vê pelo gráfico abaixo:

GRAFICO 01 – NÚMERO DE PUBLICAÇÕES E CITAÇÕES AO LONGO DO TEMPO (n = 388)

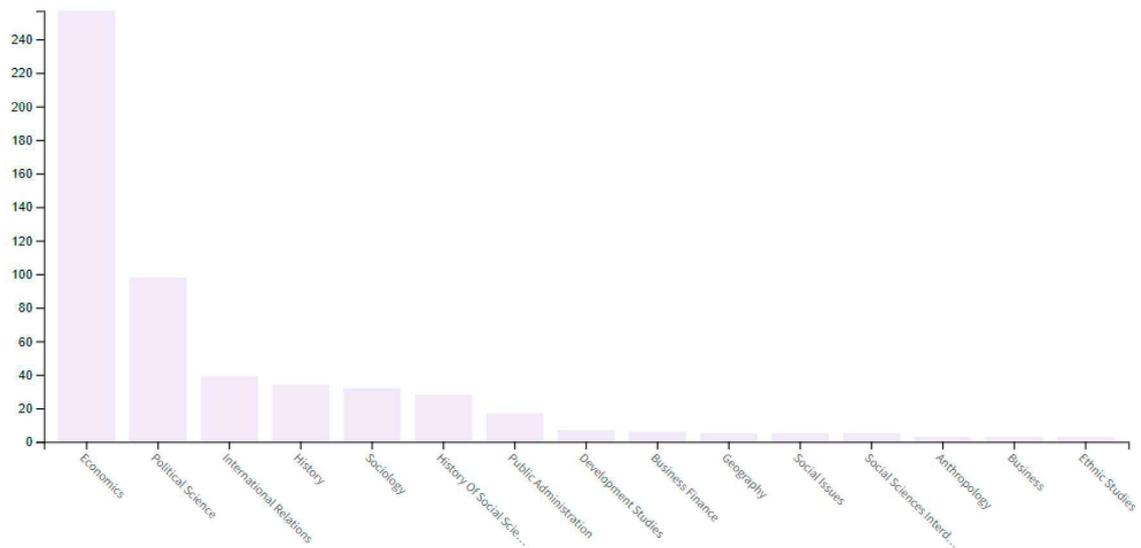


Fonte: WS (acesso em agosto de 2022)

Observamos que há um número crescente de publicações relacionadas a keynesianismo e JR em revista do “mainstream” de economia e áreas afins (taxa de crescimento 4,58% a.a. em média), com um pico de 39 publicações em 2020 e de 459 citações em 2021. Esses dados indicam a manutenção do interesse pela obra de JR e também uma concentração nos períodos mais recentes. Como se poderia esperar, as publicações se

concentram na área de economia, e ciências afins (tais como ciência política e historiografia), indicando o caráter interdisciplinar da obra da economia inglesa, que também é uma característica recente da economia contemporânea como demonstram estudos recentes (CAVALIERI & SILVA, 2022), algo que sempre foi enfatizado por JR em suas obras (ROBINSON, 1971; ROBINSON, 2002).

GRAFICO 02 - ASSUNTOS DAS PUBLICAÇÕES SOBRE KEYNESIANISMO E JR (N = 388)



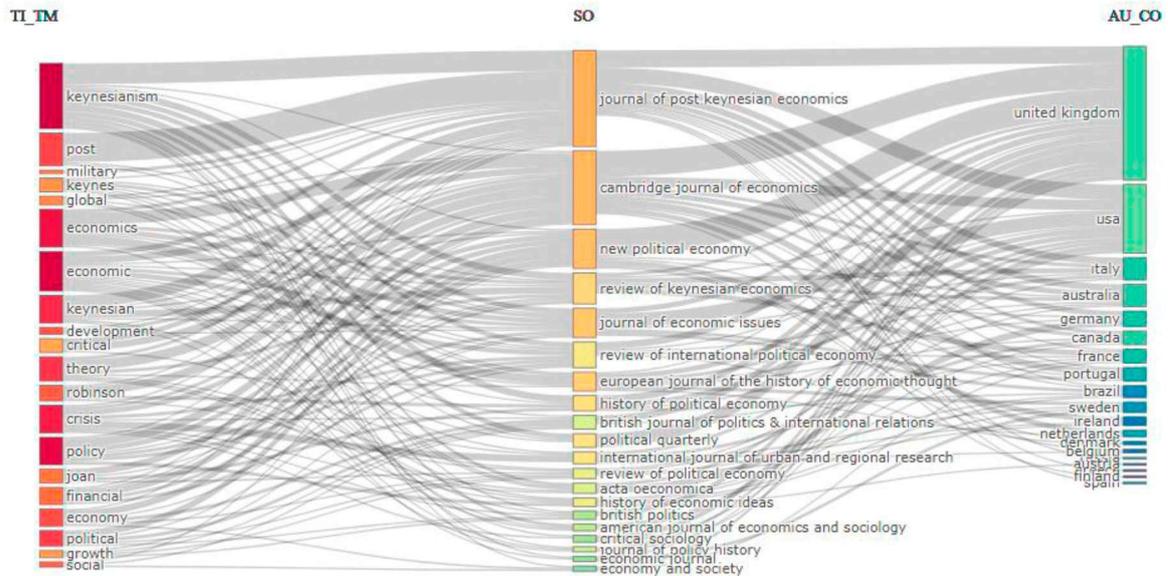
Fonte: Elaboração própria a partir da base WS

Lembrando que as questões básicas que norteiam a presente pesquisa se referem à relação entre keynesianismo, a obra de JR e suas reflexões sobre o desenvolvimento. Nos interessam especialmente, nessa fase inicial da análise, os principais conceitos utilizados pelos autores e sua relação com a teoria e a análise do processo de desenvolvimento econômico, bem como a inserção de JR no campo keynesiano. Por isso, não faremos uma análise exaustiva do campo keynesiano, mas apenas extrairemos da análise algumas evidências significativas que nos permitam ilustrar as relações acima.

Um primeiro achado interessante é a análise de três campos, pela qual é possível estabelecer relações entre diferentes campos de pesquisa, a partir de termos de busca variados, como autores, palavras-chave, resumos, títulos dos artigos, países de publicação, dentre outros campos. Para o caso de nossa pesquisa, interessava-nos as relações entre os temas dos artigos, os periódicos em que eram publicados, e os países de publicação dos textos. Feita a relação

entre estes campos, os resultados obtidos para as 20 maiores frequências estão apresentados na figura abaixo.

FIGURA 02 – GRÁFICO DE TRÊS CAMPOS DA PRODUÇÃO SOBRE KEYNESIANISMO



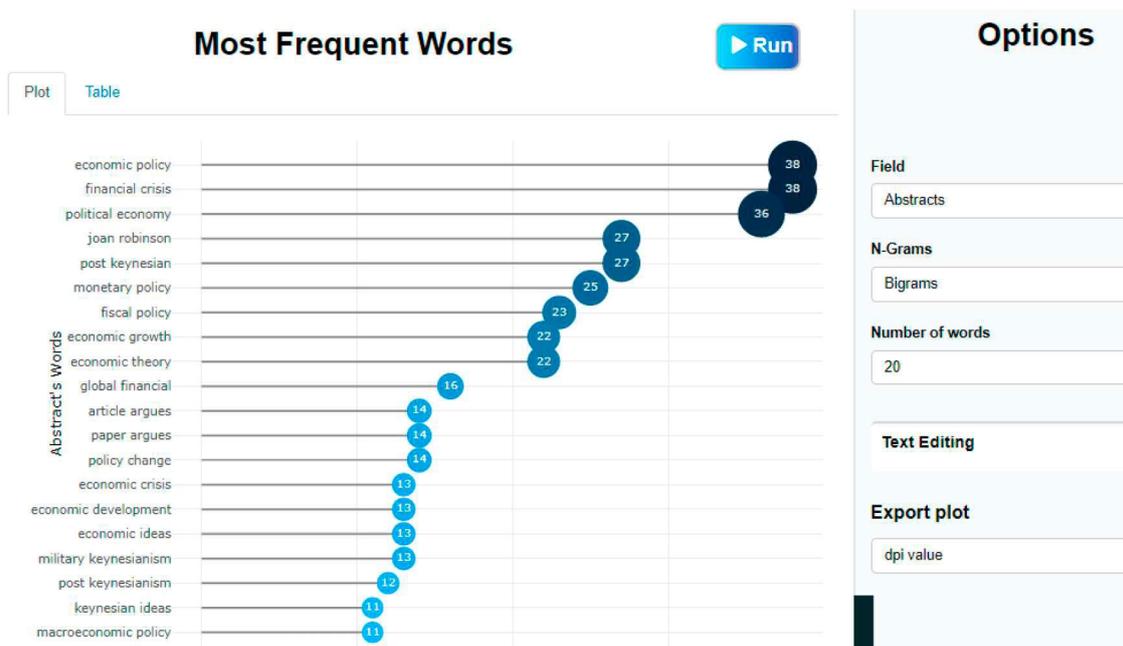
Fonte: elaboração própria a partir de WS

Como se pode observar, temas como “desenvolvimento” e “crescimento econômico” estão presentes na agenda de pesquisa do keynesianismo, associado ao campo econômico heterodoxo e a Joan Robinson, como veremos em seguida. As principais revistas onde se veiculam a produção de artigos sobre keynesianismo são periódicos do campo heterodoxo, dedicados especialmente à análise do campo keynesiano, como seria de se esperar, tais como o “Journal of pos-keynesian economics”, “Cambridge Journal of Economics”, “New Political Economy” e outros¹⁹. Destacam-se também periódicos dedicados à história das idéias econômicas e a outros campos do conhecimento, tais como sociologia, relações internacionais e ciência política. Os países que mais publicam artigos relacionados ao campo em tela são os países de língua inglesa, com o Reino Unido superando inclusive os EUA. Em relação a línguas neolatinas, destacam-se Itália, Alemanha, França, Portugal e o Brasil, com o pesquisador brasileiro Mauro Boianovsky inclusive tendo destaque na produção sobre JR, como veremos adiante.

¹⁹ Almeida & Paula (2019) identificam os seguintes periódicos heterodoxos de maior destaque: *Cambridge Journal of Economics* (CJE), *Journal of Economic Issues* (JEI), *Journal of Post Keynesian Economics* (JPKE), *Review of Radical Political Economics* (RRPE), and *Economy and Society* (ES).

Outro dado interessante refere-se aos pares conceituais mais citados no campo, tais como as relações entre palavras e termos mais frequentes e a análise através da visualização de palavras. A questão central que nos interessava era a de saber se o tema do desenvolvimento econômico estava presente na agenda de pesquisa do keynesianismo-robinsiniano. Para isso, efetuamos uma análise de palavras conectadas entre si nos resumos dos artigos coletados. Assim procedemos porque consideramos que “bigramas” expressam conceitos científicos com mais consistência do que palavras isoladas, e também porque os *abstracts* dos textos nos informam com mais detalhe a natureza das pesquisas do que os demais indicadores semânticos. Ao todo, foram detectados 8004 “bigramas” nos resumos dos artigos selecionados. Os 20 bigramas que apareceram com mais frequência estão na figura abaixo. Para facilitar a leitura, reportamos também os protocolos de pesquisa, à direita da figura.

FIGURA 03 - EXPRESSÕES MAIS FREQUENTES NO CAMPO KEYNESIANO-ROBINSIANO

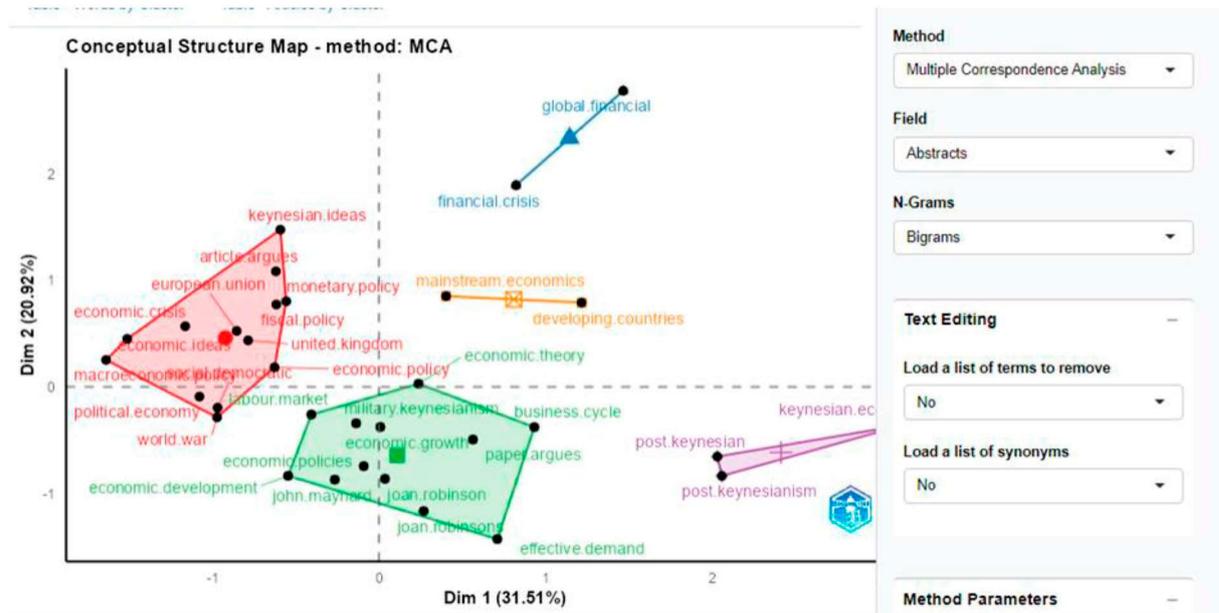


Fonte: WS.

Um dado particularmente significativo para nossa pesquisa são as combinações de palavras mais citadas nos “abstracts” ou resumos dos artigos científicos das referências analisadas. Estas combinações de palavras são particularmente importantes porque denotam conceitos econômicos mais elaborados, ao invés de palavras isoladas, sem concatenação com as demais. Pelo diagrama acima, vemos que as expressões “Joan Robinson”, “Desenvolvimento Econômico”, “Economia Política” e “Política Econômica” estão entre as

mais citadas dos trabalhos científicos do campo keynesiano, mostrando a importância desses temas na problemática keynesiana. Isso reforça nossa ideia inicial acerca da importância do tema do desenvolvimento econômico na obra de JR, especialmente sua obra tardia. Verificamos aqui a presença de vários temas associados à nossa pesquisa, tais como “economia política”, “política econômica”, “Joan Robinsom” “crescimento econômico” “desenvolvimento econômico”. Esses termos inclusive são mais frequentes que expressões usuais em *abstracts* de textos, tais como “*articles argues*” e “*paper argues*”, que preferimos conservar na base de dados. Entretanto, mais importante ainda do que a mera frequência das expressões são as relações entre elas. Para isso, efetuando uma análise fatorial de correspondência múltipla no *Bibliometrix*, a fim de verificar quais os termos estão mais associados entre si num gráfico de quatro quadrantes.

FIGURA 04 – MAPA DE ESTRUTURA CONCEITUAL DO CAMPO KEYNESIANO-ROBINSIANO



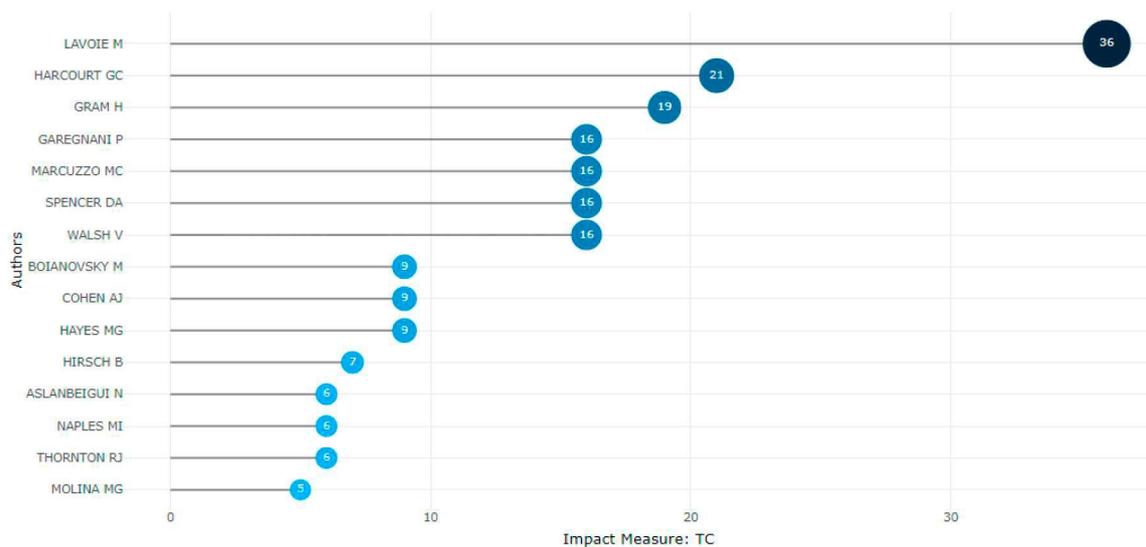
Fonte: WS.

A análise fatorial acima nos dá um passo adiante além da mera frequência de temas estudados e nos fornece a proximidade de temas entre si nos resumos do conjunto de artigos. Vemos claramente um *cluster* de temas associados a JR e assuntos relacionados à acumulação de capital e ao crescimento econômico, bem como a problemas mais “estruturais” de dinâmica macroeconômica. Por outro lado, podemos observar um *cluster* fortemente associado a temas “conjunturais”, tais como “crise econômica” “crise financeira” etc.

A análise bibliométrica nos mostrou assim que há um grupo relativamente robusto, dentro do campo mais amplo keynesianismo, de produção científica sobre JR associada ao desenvolvimento, embora mais recentemente temas conjunturais relacionados à crise financeira e políticas econômicas localizadas tenha crescido em importância.

Feita essa contextualização do campo keynesiano-robsoniano, resta reter brevemente algumas características da produção sobre JR na plataforma WS. Para isso, examinaremos alguns dados referentes aos 89 artigos coletados, com taxa de crescimento anual de 2,92%, escritos por 83 autores, de 39 *journals*, com 2120 referências bibliográficas. Inicialmente, examinemos os autores de maior impacto na rede de JR. Dos 83 autores citados, os “top ten” de maior impacto, mensurado pelo número de artigos citados, são os que seguem abaixo.

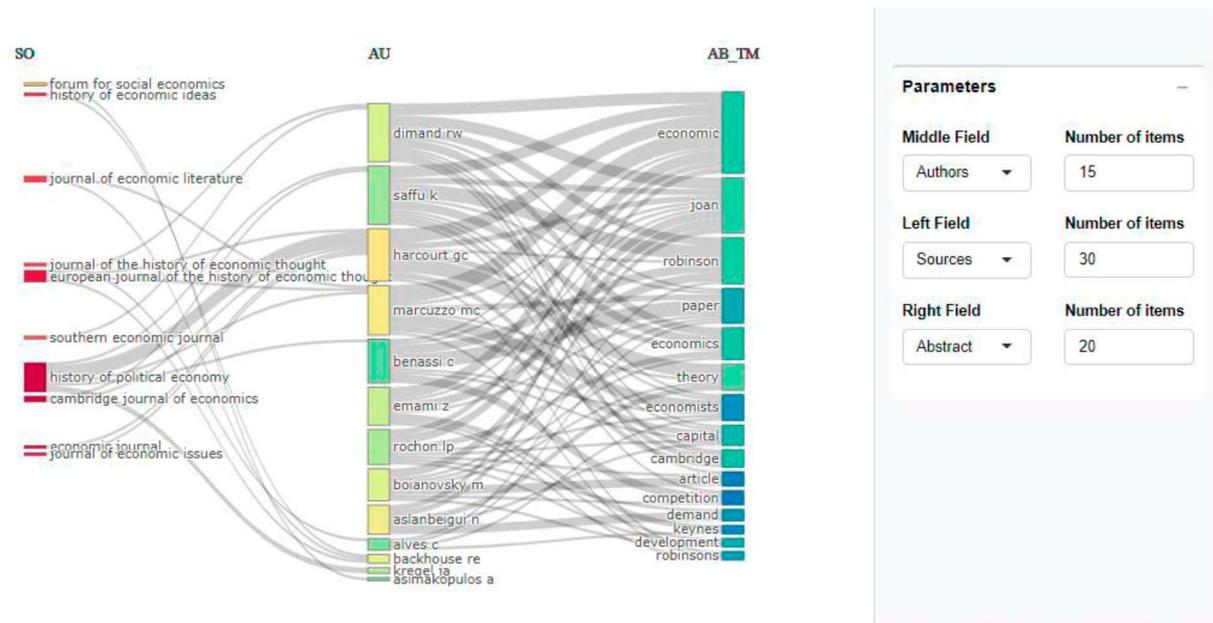
FIGURA 05 – AUTORES COM MAIOR IMPACTO EM NÚMERO DE CITAÇÕES



Fonte: WS.

O economista com maior impacto no campo de estudos sobre JR é Marc Lavoie, autor de um conhecido livro sobre pós-keynesianismo recentemente reeditado, acima mencionado. Em seguida, seguem-se outros autores importantes no campo pós-keynesiano e neo-ricardiano, tais como G. C. Harcourt, H. Graham, P. Caregani, M. C. Marcuzzo, com destaque para o brasileiro Mauro Boianovsky, que publicou textos sobre a economista inglesa de grande impacto no campo de estudos (BOIANOVSKY, 2005; 2022). Outra maneira de abordar as relações entre os diferentes campos de produção acadêmica sobre JR é através da análise do gráfico de três campos conforme visualizado abaixo.

FIGURA 06: RELAÇÕES ENTRE FONTES, AUTORES E TERMOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS SOBRE JR



Fonte: WS.

Verificamos assim a interrelação existente entre periódicos do campo heterodoxo (especialmente pós-keynesiano e de história do pensamento econômico), autores vinculados a esse campo, e temas caros à tradição keynesiana, como veremos de forma mais detalhada no próximo item.

Podemos agora avançar na *Scopus* que nos fornece uma visão mais abrangente e precisa da estruturação deste campo científico.

2.2 JOAN ROBINSON E O KEYNESIANISMO NA BASE DE DADOS *SCOPUS*.

Para o mapeamento das relações entre o keynesianismo e JR na base de dados *Scopus*, utilizamos os seguintes protocolos de busca:

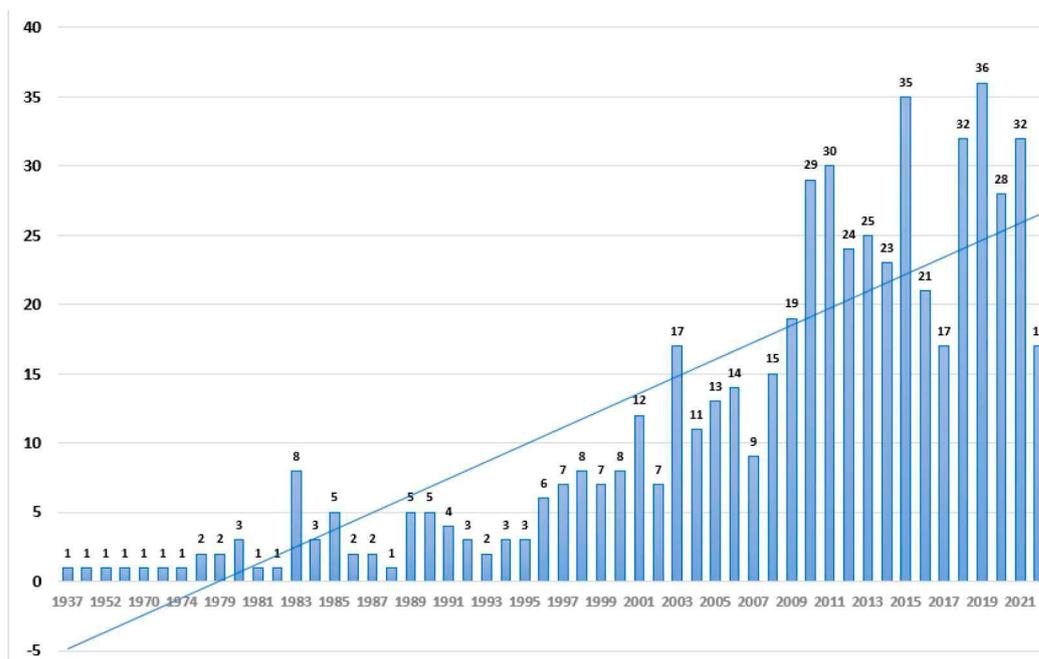
- a) Resultados na *Scopus*: (“Joan Robinson” or “Keynesianism”) = 928; 578.
- b) Resultados após filtros: (“Economia e afins”; “periódicos”; “inglês e línguas latinas”) = 588; 89.

Protocolo e resultados: 588 document results TITLE-ABS-KEY ("Joan Robinson" OR keynesianism) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA , "ECON") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "SOCT") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "BUSI") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "ARTS")) AND (EXCLUDE (SUBJAREA , "ENVI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "ENGI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "EART") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "DECI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "COMP") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "MEDI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "NURS") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "AGRI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "BIOC") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "CENG") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "CHEM") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "ENER") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "MATE") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "MATH") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "MULT") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "PSYC") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "VETE")) AND (LIMIT-TO (SRCTYPE , "j"))

Protocolo e resultados: 89 document results. TITLE-ABS-KEY ("Joan Robinson") AND (LIMIT-TO (SUBJAREA , "ECON") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "BUSI") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "SOCT") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "ARTS")) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , "ar") OR LIMIT-TO (DOCTYPE , "re")) AND (EXCLUDE (SUBJAREA , "MEDI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "NURS") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "DECI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "ENGI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "ENVI") OR EXCLUDE (SUBJAREA , "MATH")) AND (LIMIT-TO (LANGUAGE , "English") OR LIMIT-TO (LANGUAGE , "French") OR LIMIT-TO (LANGUAGE , "Portuguese")) AND (LIMIT-TO (SRCTYPE , "j")) AND (EXCLUDE (DOCTYPE , "re")) AND (EXCLUDE (PREFNAMEAUID , "Undefined#Undefined"))

Aplicando estes protocolos à base de dados chegamos ao seguinte universo empírico de pesquisa: 588 publicações, de 608 autores, com 1440 palavras-chave, 28013 referências de 298 revistas e 609 instituições relacionadas ao campo do keynesianismo. A distribuição temporal das publicações é indicada pelo seguinte gráfico.

GRÁFICO 03 – DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DAS PUBLICAÇÕES: KEYNESIANISMO & JR (1937-2022)



Fonte: Elaboração própria a partir de *Scopus*.

Verificamos uma linha de tendência crescente de publicações sobre o tema com suas fases bem definidas: uma até o ano 2000, quando o número de publicações anual não ultrapassou 10 artigos por ano, e outra a partir de 2000, com crescimento do número médio de artigos, atingindo um pico de 36 artigos em 2019.

parecendo sugerir um campo de reflexão sobre a **abordagem neokeynesiana da crise** durante a pandemia e alguns de seus desdobramentos conjunturais.

Cluster 2. Em verde, com 17 palavras, com a palavra-central “pós-keynesianismo” e “Keynes” estruturando o campo, e associado a temas como “história econômica”, “história do pensamento econômico”, “economia neoclássica” “Sraffa”, “incerteza”, parecendo sugerir uma área temática vinculada a **história econômica e história do pensamento econômico**, com ênfase em temas heterodoxos.

Cluster 3. Em azul escuro, com 13 termos, polarizado pelas palavra-chave “teoria econômica”, e onde se situa “Joan Robinson”, mostrando sua forte associação com temas de teoria dentro do campo keynesiano. Também se inserem nesse campo, em ordem decrescente de força de ligação, as expressões “política fiscal”, “política monetária”, “desenvolvimento econômico”, “crescimento econômico”, “desemprego”, “China”, “pleno emprego”, revelando a existência de um grupo estruturado, dentro do campo keynesiano, sobre **questões de teoria e política do desenvolvimento econômico**, com destaque para questões monetárias, crescimento econômico e pleno emprego.

Cluster 4. Em amarelo, com 11 termos, estruturado por “teoria keynesiana”, e temas conexos como “crise financeira”, “macroeconomia”, “sistema financeiro”, “economia política”, parecendo sugerir a existência de um campo sobre **economia política keynesiana**, com ênfase em economia monetária e desvinculado de questões mais conjunturais. Esse *cluster* centraliza o campo, tendo ligações moderadas com todos eles.

Cluster 5. Em roxo, pouco visível e localizado acima e à direita do grafo, com 5 palavras, centralizado por “Europa”, e próximo a temas como “socialismo”, “eurásia”, não parecendo revelar um campo muito estruturado, orientado para a análise de outros sistemas econômicos, vis-à-vis a Europa. Podemos intitular esse campo, sem muita preocupação de rigor, como **sistemas econômicos comparados**.

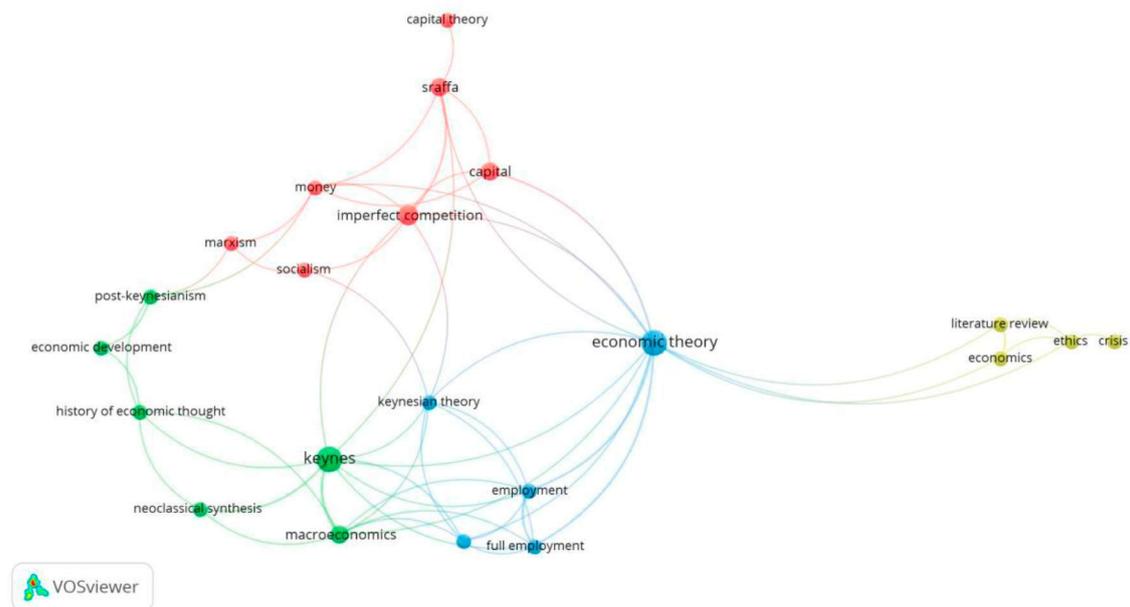
Cluster 6. Em azul claro, centralizado pela expressão “economia política” (maior número de citações e força de ligação) e onde se incluem temas mais contemporâneos e relacionados à crise financeira de 2008, tais como “recessão”, “capitalismo”, “crise econômica” e outros. Sugerindo a existência de um tema forte, embora marginal dentro do campo keynesiano, que poderíamos chamar de **economia política crítica**, preocupada em estabelecer um diálogo com o marxismo, no tocante a temas que tratam da política econômica no capitalismo.

Os *clusters* apresentados acima fornecem algumas evidências preliminares dos principais temas contemporâneos associados ao keynesianismo e a JR estudados pelos

economistas e demais cientistas sociais, bem como as relações internas a cada campo semântico. Verificamos também que o nome de JR está fortemente associado ao tema do desenvolvimento econômico, bem como questões de teoria e política econômica, especialmente emprego e questões monetárias e referentes ao crescimento econômico.

Efetuada essa contextualização preliminar do campo keynesiano e de sua relação com a obra de JR, podemos avançar um pouco no exame do campo analítico das obras da economista inglesa. Para isso examinaremos os 89 artigos constantes na rede *Scopus*, abrangendo um total de 168 termos ou palavras-chave, com o mínimo de 2 ocorrências. Atingiram o limite de citações o total de 24 artigos e foi gerada a seguinte rede semântica de co-citação de palavras-chave.

FIGURA 08 - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-OCORRÊNCIAS DAS PALAVRAS-CHAVE DE 89 ARTIGOS SELECIONADOS SOBRE “JOAN ROBINSON” NA PLATAFORMA *SCOPUS* E SUAS RELAÇÕES, FORMANDO 5 *CLUSTERS*, O MAIOR COM 6 PALAVRAS E O MENOR COM 3. NÚMERO MÍNIMO DE OCORRÊNCIAS DE UMA PALAVRA = 2.



Fonte: Elaboração própria a partir de *Scopus*.

A figura acima permite identificar os principais aspectos da estrutura semântica sobre JR nas áreas de ciências econômicas e afins da plataforma *Scopus*, com uma rede mais estruturada e focada na obra da economista inglesa. Para uma melhor visualização foram excluídos os termos “Joan Robinson” e “Keynes” do mapa, por serem redundantes. A rede expõe quatro *clusters*, relatados abaixo:

Cluster 1. Em vermelho. É agrupamento mais representativo no que se refere ao quantitativo de termos. Ele se estrutura a partir do conceito de “competição imperfeita”, abrangendo temas e autores afins tais como “Sraffa”, “moeda”, “capital” “teoria do capital”, mas também com ramificações em “marxismo” e “socialismo”. Trata-se claramente da vertente mais “ortodoxa” da produção de JR, elaborada a partir da economia neoclássica e que teve como desdobramento o diálogo com neoricardianos influenciados pelo marxismo como Piero Sraffa (HELLER, 1997).

Cluster 2. Em verde. Esse subgrupo tem como tema central a expressão “história do pensamento econômico” e abrange áreas temáticas tais como “pós-keynesianismo”, “desenvolvimento econômico” e “síntese neoclássica” (provavelmente, uma crítica à chamada “síntese neoclássica” e aos modelos de “estática comparativa”, algo que perpassou toda a obra da autora), sendo a área temática central do presente texto. Trata-se de um indicador adicional da importância da teoria do desenvolvimento, ou das reflexões sobre o desenvolvimento econômico, na produção acadêmica sobre JR.

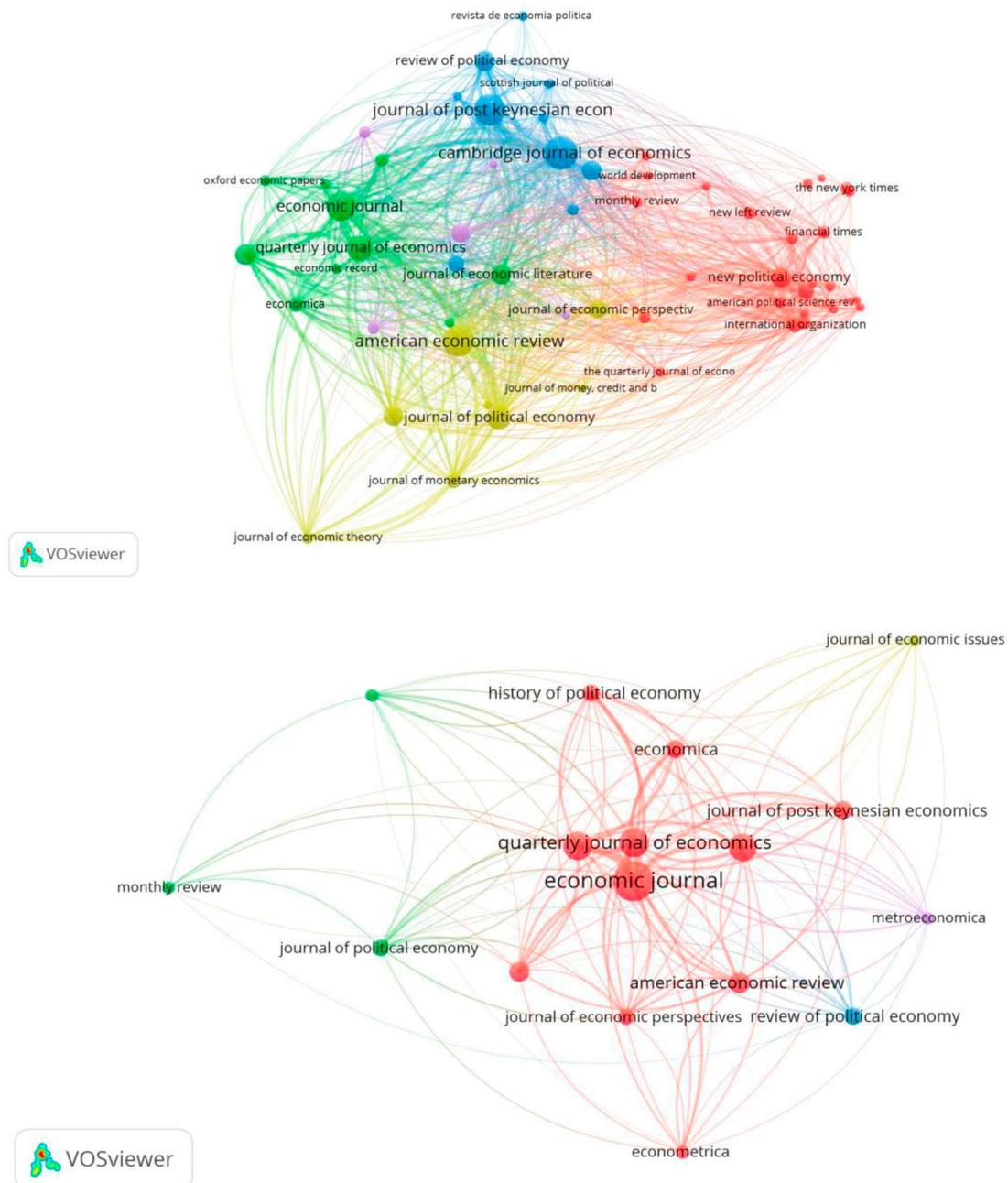
Cluster 3. Em azul. Ao centro e intermediando os demais *clusters*. Este agrupamento é estruturado a partir da expressão “teoria econômica”, e está associado a termos relacionados à fase de divulgação e elaboração do pensamento keynesiano por JR, tais como “emprego”, “teoria do emprego”, “pleno emprego”, “teoria keynesiana” e outras contribuições da autora ao campo do pensamento keynesiano. Ele ilustra que a teoria keynesiana é o grande campo unificador das várias dimensões das reflexões sobre JR, tanto anteriores a sua “conversão” ao keynesianismo, bem como posteriores, relacionadas à sua inserção específica nesse campo teórico.

Cluster 4. Em amarelo. Por fim, um *Cluster* menor e periférico abrangendo temas tais como ética, crise econômica, feminismo e temas afins, que não se ajustaram aos três grandes *clusters* que estruturam a produção sobre a autora na plataforma *Scopus*, e que não parece ter uma consistência temática muito organizada.

Resumindo, essa análise nos permite ilustrar a relevância da reflexão sobre o desenvolvimento econômico na obra de JR, tanto no campo da análise do keynesianismo como um todo, como na produção acadêmica sobre a própria JR, e também apreender algumas singularidades da economista inglesa nesse campo, tais como seu diálogo com a economia neoclássica, por um lado, e com a economia marxista, por outro, incorporando temas pertencentes à ambas tradições teóricas como “concorrência imperfeita”, “síntese neoclássica”, “acumulação de capital”, “marxismo” e “socialismo” em sua reflexão.

Feita uma breve análise da rede de co-ocorrências, podemos analisar a rede de co-citações, examinando os principais periódicos e autores que abordam a obra de JR na plataforma *Scopus*. As perguntas básicas que tentaremos responder são as mesmas da análise anterior: a) quais os periódicos e autores que mais veiculam trabalhos sobre Joan Robison e o keynesianismo? b) a que escolas de pensamento se filiam esses atores e quais suas relações com JR? Uma resposta a estas perguntas pode ser efetuada através da análise dos gráficos abaixo.

FIGURA 09. VISUALIZAÇÃO DA REDE DE ACOPLAMENTO BIBLIOGRÁFICO (CO-CITAÇÃO DE PERIÓDICOS) DE FONTES ENTRE OS 588 ARTIGOS DO CORPO DE ANÁLISE KEYNESIANO (1443 PERIÓDICOS; 19 REVISTAS, 6 *CLUSTERS*; FULL COUNTING: NÚMERO MÍNIMO DE ARTIGOS = 15).



Fonte: Elaboração própria a partir de *Scopus*

Os grafos acima ilustram as redes de co-citação de periódicos com mais de 15 citações sobre “keynesianismo” OR “Joan Robinson”, e exclusivamente sobre JR. Apesar de diversas semelhanças, observamos alguns padrões diferentes entre as duas redes.

No caso do keynesianismo, verificamos a formação de 6 *clusters*, revelando uma maior diversidade, de revistas que transitam do *mainstream*, para uma economia política heterodoxa, de caráter mais crítico, e inclusive marxista. **Cluster 1.** Em vermelho. Centralizado pela “New Political Economy”, uma revista heterodoxa com ênfase no papel das idéias no desenvolvimento econômico e de cunho bastante alternativo²⁰. Também fazem parte desse *Cluster* revistas da “nova esquerda acadêmica”, tais como “New Left Review”, “Monthly Review”, “Antipode”, e também de outras áreas como “International Organizations”, “American Journal of Sociology”, “American Political Science Review”, “Journal of European Public Policy”, além de periódicos bastante diversificados, mostrando o impacto e a diversidade de enfoques do keynesianismo, associado à presença de JR, no conjunto das ciências humanas. **Cluster 2.** Verde. Estruturado pelos periódicos “Economic Journal” e “Quarterly Journal of Economics”, revelando uma presença do keynesianismo no mainstream das revistas econômicas, especialmente no campo anglo-saxão, com destaque para o Reino Unido²¹. **Cluster 3.** Em Azul. Estruturado pelo “Cambridge Journal of Economics” (a revista mais citada nesse campo acadêmico com 321 citações e 4484 de força de ligação) e pelo “Journal of post keynesian economics”, além de vários outros periódicos próximos ao campo heterodoxo e, especialmente, pós-keynesiano, vinculado historicamente à chamada “Escola de Cambridge”.

²⁰ Segundo a Wikipedia: “**New Political Economy (NPE)** is a relatively recent sub-school within the field of [political economy](#). NPE scholars treat economic ideologies as the relevant phenomena to be explained by political economy. Thus, [Charles S. Maier](#) suggests that a political economy approach: “interrogates economic doctrines to disclose their sociological and political premises [...] in sum, [it] regards economic ideas and behavior not as frameworks for analysis, but as beliefs and actions that must themselves be explained”.^[1] This approach shapes Andrew Gamble's *The Free Economy and the Strong State* (Palgrave Macmillan, 1988), and Colin Hay's *The Political Economy of New Labour* (Manchester University Press, 1999). It also guides much work published in [New Political Economy](#), an international journal founded by Sheffield University scholars in 1996.^[2] Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/New_political_economy

²¹ De acordo com o website do *Economic Journal*, “The Economic Journal is one of the founding journals of modern economics first published in 1891. The journal remains one of the top journals in the profession and provides a platform for high quality, innovative, and imaginative economic research, publishing papers in all fields of economics for a broad international readership”. (fonte: <https://academic.oup.com/ej>); já o site do *The Quarterly Journal of Economics*, da Universidade de Harvard, informa que: “The Quarterly Journal of Economics is the oldest professional journal of economics in the English language. Edited at Harvard University's Department of Economics, it covers all aspects of the field”. (fonte: <https://academic.oup.com/qje/pages/About>)

Desse subgrupo também fazem parte prestigiosas revistas do campo heterodoxo tais como a “Review of Political Economy”, o “Journal of Economic Issues” a “Review of Radical Political Economics”, com destaque para uma revista brasileira fortemente vinculada ao campo heterodoxo e pós-keynesiano, a “Revista de Economia Política”²². **Cluster 4.** Amarelo. Segue-se um *Cluster* centralizado pela “American Political Review”, da prestigiosa *American Economic Association* (a segunda revista mais citada do campo keynesiano), e da qual fazem parte periódicos vinculados ao *mainstream* menos ortodoxo, digamos assim, tais como a “Journal of Political Economy”, “Econometrica”, e revistas vinculadas à questões financeiras, tais como o “Journal of Monetary Economics” e o “Journal of Money, Credit and Banking”. Podemos afirmar que este campo está mais vinculado ao *mainstream neokeynesiano*, também conhecido síntese neoclássica, bem como ao pós-keynesianismo que aborda questões vinculadas ao funcionamento dos mercados financeiros. **Cluster 5.** Roxo. Por fim, um *cluster* residual, formado por cinco periódicos especialmente do campo de história do pensamento econômico, tais como os prestigiosos “History of Political Economy” (o mais citado do campo) e o “Journal of the History of Economic Thought”, que contém um nicho de literatura vinculada à história do pensamento econômico. De uma maneira geral, a análise bibliométrica efetuada acima comprova o caráter plural e heterogêneo da escola keynesiana, contemplando desde trabalhos contidos na tradicional modelagem de equilíbrio da síntese neoclássica, até trabalhos que enfatizam o papel das idéias e da subjetividade humana para o desempenho dos sistemas e agentes econômicos.

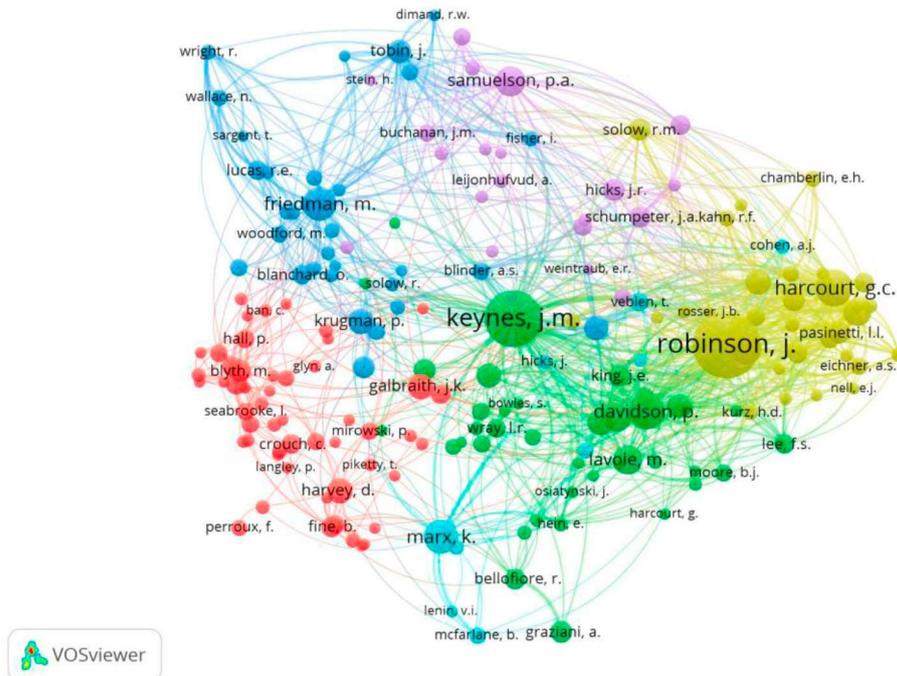
No tocante à produção acadêmica sobre JR, como poderia se esperar ela é menos heteróclita e diversificada do que o keynesianismo como um todo, e focada em periódicos vinculados à economia heterodoxa dos países anglo-saxões, especialmente UK. Foram encontrados basicamente três *clusters*, representando um grande campo com diversas matizes de keynesianismo, e outros dois pequenos *clusters* contendo periódicos de economia radical e marxista, inclusive a *Monthly Review*, da qual JR foi assídua colaboradora, e história do pensamento econômico²³.

Feita essa análise, podemos agora passar ao exame da rede de co-citações de autores.

²² Para a vinculação desses periódicos com o campo heterodoxo e pós-keynesiano, cf. o estudo de Almeida e Paula já citado (2019).

²³ Para tornar mais fluente a leitura da presente monografia, agregamos a esta monografia dois anexos, um contendo informações sobre os periódicos e autores mais citados nas bases de dados, especialmente aqueles que tem maior número de citações e força de ligação no interior de cada *cluster*.

FIGURA 10 - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-CITAÇÕES DOS AUTORES CITADOS EM ARTIGOS SOBRE KEYNESIANISMO-ROBINSIANO (COM NÚMERO MÍNIMO DE 15 CITAÇÕES. N = 186 AUTORES. N CLUSTERS = 6).



Fonte: Elaboração própria a partir de *Scopus*.

A rede de co-citações de autores acima nos permite mapear com mais detalhe o campo do keynesianismo e o papel de JR dentro desse campo (dessa feita conservamos os nomes de Keynes e JR, pois gostaríamos de verificar a posição de ambos os autores na rede, e não somente a relação entre seus nós sem os termos redundantes). Verificamos, com efeito, a formação dos seguintes *clusters*.

Cluster 1. Vermelho. O primeiro *cluster*, com 52 autores, está estruturado a partir de autores como John Kenneth Galbraith, David Harvey, C. Hay e M. Blyth, autores com mais citações e força de ligação. Trata-se de um campo bastante eclético e interdisciplinar, composto por economistas “mainstream” como B. Eichengreen, mas também por autores de outros campos das ciências sociais, historiadores, economistas franceses da chamada escola da regulação, e autores como Michel Foucault, Bob Jessop e outros. Podemos caracterizar esse campo como eclético, interdisciplinar e focado na sociologia econômica e no comportamento político e social dos agentes econômicos, para esferas mais amplas além da própria economia. Nesse *cluster* se insere ainda o brasileiro Alfredo Saad Filho, autor de trabalhos sobre economia política e neoliberalismo.

Cluster 2. Verde. Localizado ao centro da rede e integrado por 39 autores, é estruturado pelo próprio Keynes, o segundo autor mais citado na rede e com maior força de ligação (341 citações e força de ligação 7225), que centraliza todas as conexões da rede. Desse grupo fazem parte diversos pós-keynesianos que escreveram obras de teoria econômica e economia monetária, como Paul Davidson, H. Minsky, Victória Chick, além de autores menos conhecidos. O brasileiro Luiz Carlos Bresser-Pereira (26c; 12761), fortemente vinculado ao campo pós-keynesiano, faz parte desse *cluster*, assim como o economista polonês M. Kalecki. Podemos caracterizar a produção desse grupo como **pós-keynesianismo moderado** e orientado para questões sobre mercado financeiro, desenvolvimento e crescimento econômico, formado na maior parte por economistas de profissão.

Cluster 3. Azul escuro. Com 32 autores, centralizado pelo monetarista Milton Friedman, e integrado por diversos economistas do *mainstream* influenciados pelo keynesianismo, que trabalham com questões monetárias, ou mesmo adversários do keynesianismo, como o novo clássico e prêmio Nobel Robert Lucas. Fazem parte desse *cluster*, por força de ligação: Krugman, P.; Wallace, N.; Blinder, A.S.; Wright, R.; Blanchard, O.; Modigliani, F.; Mankiw, N.G.; Fisher, I.; Woodford, M.; Fischer, S.; Taylor, J.B.; Stiglitz, J.; Phelps, E.S. e outros. Podemos caracterizar esse grupo como a **escola ortodoxa** que dialoga ou é influenciada pelo keynesianismo.

Cluster 4. Amarelo. Com 21 autores. Estruturado em torno das contribuições de J. Robinson (c. 487; 1. 8699), a autora mais citada da rede, mas que não está em seu centro, e que contém vários representantes de diferentes escolas econômicas, mas especialmente vinculados ao pós-keynesianismo e à economia neoricardiana. Fazem parte desta rede, por ordem de força de ligação (mesurada pelo tamanho dos círculos): Harcourt, G.C.; Kaldor, N.; Garegnani, P.; Pasinetti, L.L.; Kregel, J.A.; Sraffa, P.; Weintraub, S.; Eichner, A.S.; Eatwell, J.; Harrod, R.F.; Marcuzzo, M.C. Podemos caracterizar esse *cluster* como um ramo heterodoxo da economia ou um **pós-keynesianismo crítico**, que combate os fundamentos da ortodoxia.

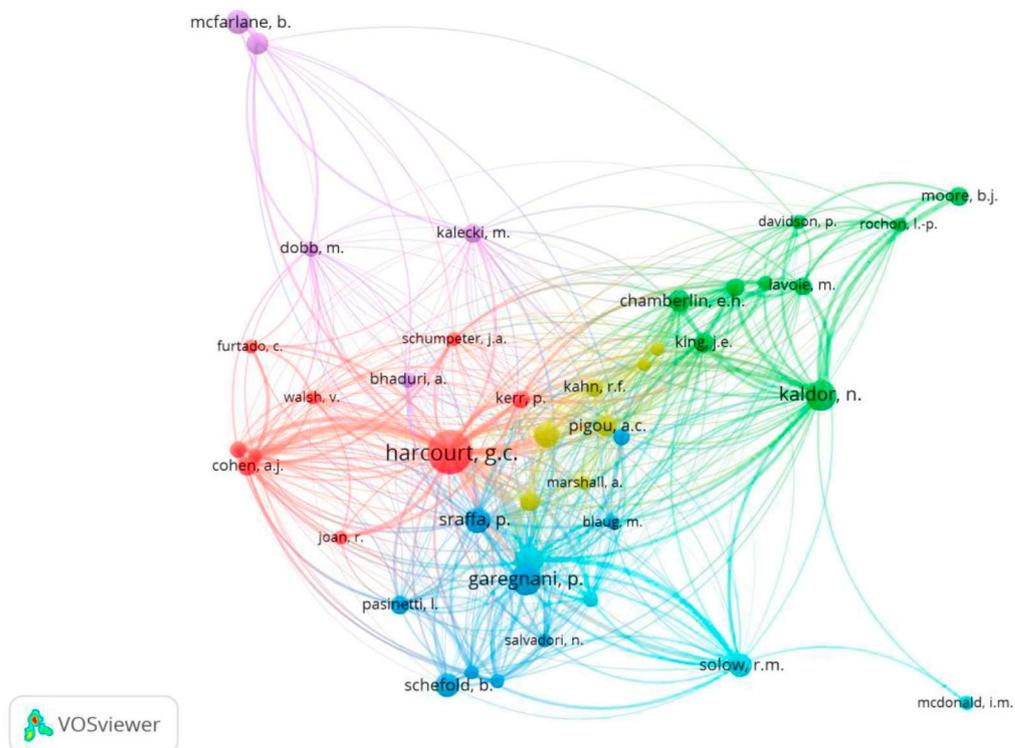
Cluster 5. Em roxo. 21 itens. Liderado pelo economista Paul Samuelson, e integrado por vários economistas pertencentes à “síntese neoclássica” da macroeconomia keynesiana, ou que participaram do debate de questões microeconômicas no interior do keynesianismo, como, por exemplo, a famosa “controvérsia do capital” nos anos 60. Pertencem a esse grupo economistas tais como Hicks, J.R.; Schumpeter, J.A.; Lerner, A.P.; Solow, R.M.; Backhouse, R.E.; Blaug, M.; Schneider, E.; Musgrave, R.A.; Hansen, A.H.; Leijonhufvud, A.; Pigou, A.C. Podemos caracterizar esse grupo como **síntese neoclássica keynesiana**.

Cluster 6. Em azul escuro e composto por 10 autores. Centralizado por Karl Marx e integrado por diversos autores radicais ou críticos ao capitalismo, tais como: Veblen, T.; Cohen, A.J.; Hodgson, G.; Luxemburg, R.; Mcfarlane, B.; Engels, F.; Lenin, V.I. Podemos caracterizar esse grupo como **economistas radicais ou críticos do capitalismo**. Esse grupo tem fortes ligações com o grupo pós-keynesiano crítico e fracas ligações com os demais *clusters* da rede.

Enfim, o que a análise do campo keynesiano nos permite concluir é que se trata de um campo bastante heterogêneo, tanto do posto de vista temático como normativo, e que JR ocupa uma posição bastante singular nessa rede, com fortes ligações com o campo keynesiano central, mas também com forte identidade formada pela crítica a elementos-chave do *mainstream* da economia ortodoxa, como, por exemplo, os modelos de equilíbrio de concorrência perfeita e de ajuste macroeconômico por mecanismos exclusivos de mercado.

Mapeada a rede keynesiana e caracterizada a posição de JR no interior da mesma, podemos avançar para a caracterização da própria rede de JR.

FIGURA 11 - VISUALIZAÇÃO DA REDE DE CO-CITAÇÕES DOS AUTORES CITADOS EM ARTIGOS SOBRE JR (COM NÚMERO MÍNIMO DE 15 CITAÇÕES. 45 AUTORES. 6 CLUSTERS).



Fonte: Elaboração própria a partir de *Scopus*

Os grafos acima ilustram as redes de co-citação dos autores com mais de 15 citações exclusivamente na produção acadêmica sobre JR. Apesar de algumas semelhanças, observamos alguns padrões diferentes entre as duas redes.

Cluster 1. Verde, com 9 autores. Tem como seu principal representante N. Kaldor, e abrange autores que participaram da elaboração de teorias do crescimento e dos debates sobre teoria da “concorrência monopolística” ou imperfeita ao longo dos anos 50 e 60. Podemos denominar esse grupo de “concorrência imperfeita e modelos de crescimento em condições de equilíbrio”, numa vertente mais “ortodoxa”, digamos assim, do pensamento de JR, ou ao menos mais próxima à ortodoxia.

Cluster 2. Em azul escuro, com 9 autores. Estruturado por P. Garegnani, Piero Sraffa, e outros economistas da escola neoricardiana que participaram do debate de problemas micro econômicos. Fazem também parte deste *cluster* os economistas Pasinetti, L.; Eatwell, J.; Blaug, M.; Kurz, H.D.; E Salvadori, N. Observa-se assim claramente a existência de uma escola “neoricardiana”, integrada basicamente por economistas de origem italiana, no seio da produção sobre JR.

Cluster 3. Em vermelho, com 9 autores. Liderado por G. C. Harcourt, talvez o principal estudioso e especialista em JR, e composta por economistas que se preocuparam com questões de crescimento e desenvolvimento econômico, tais como Schumpeter e o brasileiro Celso Furtado, produzindo estudos no campo heterodoxo da teoria de desenvolvimento, mas também incorporando temas das tradições institucionalista e marxista. Fazem parte desse grupo os economistas Cohen, A.J.; Kerr, P.; Veblen, T.; Clark, J.B.; Furtado, C.; Schumpeter, J.A. E Walsh, V.

Cluster 4. Em amarelo, com 7 autores. Estruturado em torno da economista italiana e estudiosa da obra de JR, Maria Cristina Marcuzzo. Abrange economistas que produziram textos em torno da problemática da concorrência imperfeita, e seus desdobramentos contemporâneos na teoria do oligopólio.

Cluster 5. Em roxo, com 5 autores. Procura refletir sobre problemas relacionados à transição para a economia socialista e planificação no socialismo. Incluem-se aí economistas mais próximos à tradição marxista e de economia crítica, tais como Macfarlane, Dobb e Kalecki, de certa forma corroborando as proposições de alguns autores sobre o distanciamento desses autores do pós-keynesianismo “ortodoxo”, digamos assim (CURADO & SILVA, 2018).

Cluster 6. Em azul claro, com 4 autores. Rede periférica, mas que participou das importantes “controvérsias sobre o capital” nos anos 60. Destacam-se nesse *cluster*

representantes do neokeynesianismo ortodoxo que procuraram dialogar com a obra de JR, tais como Paul Samuelson e R. M. Solow.

A análise acima nos permitiu chegar a dois resultados gerais, que apresentamos abaixo: a) em primeiro lugar, caracterizar alguns subcampos dentro do campo mais geral do keynesianismo-robinsoniano, cada qual associado a alguns autores dominantes, publicações, um conjunto de problemas centrais, e periódicos científicos; b) em segundo lugar, identificamos uma subagenda sobre teoria de desenvolvimento ou de crescimento econômico de longo prazo, com alguns autores e textos que fizeram contribuições centrais além da própria JR. Esses dois resultados encontram-se sintetizados nos quadros-síntese abaixo:

QUADRO-SINTESE: CORRENTES DE PENSAMENTO ECONÔMICO VINCULADAS A JR E SUAS AGENDAS DE PESQUISA

Corrente keynesiana	Autores	Termos associados e agenda de pesquisa
Neokeynesianismo e síntese neoclássica	Paul Samuelson, Kaldor, Hicks, Solow, J. Tobin.	Problemas de equilíbrio macroeconômico numa economia de mercado. Crescimento econômico equilibrado. Modelo IS-LM. Inflação e desemprego. Estática comparativa. Políticas regulatórias monetária e fiscal. Controvérsias sobre o capital.
Pós-keynesianismo de curto prazo, orientado para questões de economia política monetária	Minsky, Paul Davidon, Victória Chick	Flutuações numa economia monetária. Crise financeira. Instabilidade dos mercados. Impactos da incerteza nas decisões de investimento e gasto dos agentes econômicos
Pós-keynesianismo de longo prazo (neoricardiano)	P. Garegnani, Sraffa, Pasinetti, M. C. Marcuzzo.	Crítica da microeconomia neoclássica. Modelos de concorrência imperfeita e concorrência oligopólica. Distribuição do excedente entre os fatores de produção.
Pós-keynesianismo crítico	Joan Robinson, G. C. Harcourt, M. Lavoie, Bresser-Pereira	Crítica radical à economia neoclássica e aos modelos de equilíbrio e de concorrência perfeita. Acumulação de capital e efeitos do progresso técnico. Teoria e política do desenvolvimento econômico. Transição para a economia socialista e modelos dinâmicos intersetoriais de crescimento.
Economia radical; ecletismo teórico; sociologia econômica	Marx, McFarlane, Dobb, Kalecki, Piketty, David Harvey,	Crítica da economia política. Transição para o socialismo. Desequilíbrios e anomalias do capitalismo. Planificação nas economias socialistas.

Fonte: Elaboração própria.

Simplificadamente, podemos agrupar o conjunto de campos analisados anteriormente, nas seguintes categorias. O quadro é auto-explicativo tendo em vista as considerações anteriores, por isso apenas fixaremos alguns pontos para finalizar a análise dos grafos. O campo keynesiano-robinsoniano está polarizado por dois extremos: de um lado, uma ortodoxia neokeynesiana, herdeira da síntese neoclássica corporificada nos modelos IS-LM e seus desdobramentos, cuja porta de entrada no campo são as teorias da “concorrência monopolística”

e a controvérsia do capital, que atraiu a atenção de diversos economistas ao longo dos anos 60 e 70. De outro lado, um campo que podemos denominar de *economia política crítica*, que busca instrumentalizar as análises de Keynes sobre os desequilíbrios e instabilidade no capitalismo, para fazer a crítica sistêmica às disfuncionalidades do capitalismo como um todo, geralmente articulada a prognósticos sobre a *débâcle* do sistema (“*el derrumbe do capitalismo*” ...) no curto prazo, bem como com preocupações sobre a organização e a dinâmica de eventuais economias “socialistas” alternativas. O ponto mais polêmico da tipologia acima é a subdivisão do campo keynesiano-robinsoniano em três subcampos: um primeiro, preocupado fundamentalmente com a instabilidade dos mercados numa economia monetária; o segundo, procurando dialogar com a tradição ricardiana, e preocupada com questões de teoria do valor, decisões microeconômicas e distribuição do excedente entre os fatores; e, por fim, um terceiro, ao qual, a nosso ver, pertence a própria JR, que tem como ponto de partida a crítica da economia neoclássica efetuada por Keynes, mas também considera legítimas as questões colocadas pelos outros campos e dialoga com elas, especialmente sobre o processo de desenvolvimento de longo prazo de diferentes sistemas econômicos, e a possibilidade de concretização, num cenário futuro, de sistemas econômicos alternativos ao capitalismo, mesmo em sociedades complexas e economias industriais contemporâneas.

Em relação ao segundo ponto, conseguimos mapear alguns artigos sobre processos de desenvolvimento e teoria do desenvolvimento que são referência no campo, além daqueles escritos pela própria JR. Esse mapeamento foi feito a partir dos artigos e livros de mais impacto nas plataformas acima citadas, além da busca efetuada no *Google Scholar*. Esses artigos serão comentados e analisados brevemente na próxima seção.

QUADRO 04 - TEXTOS DE IMPACTO SOBRE JOAN ROBINSON

Autor	Título	Fonte
Irma Adelman and David Sunding	Joan Robinson as a Development Economist	Feiwel, 1989: 702-723
T. N. Srinivasan	The Theory of International Trade, Steady-state Analysis and Economics of Development	Feiwel, 1989: 702-723
Amit Bhaduri	On Different Regimes of Accumulation	Gibson, 2005:
James Lovinsky and Bill Gibson	A Robinson Model for Argentina	Gibson, 2005:
Harcourt & Kerr, 2009	Joan Robinsons Views on Development Economics and Political Economy	Harcourt & Kerr, 2009
Siro Lombardini, 1996	Joan Robinson's contribution to economic development	Marcuzzo et al., 1996
HARCOURT, GC.	Two views on development: Austin and Joan Robinson.	Cambridge Journal of Economics

Fonte: Elaboração própria.

2.3 CONCLUSÕES.

O estudo bibliométrico acima nos permitiu apreender algumas características da inserção de JR no campo do keynesianismo e do pós-keynesianismo, assim como algumas de suas singularidades nesse campo. Vimos que sua inserção nesse campo está relacionada basicamente a questões de teoria econômica, acumulação do capital, crescimento econômico e teoria do desenvolvimento. Que os periódicos que veiculam seus trabalhos estão mais à esquerda do keynesianismo tradicional, que é mais presente em espaços do *mainstream* da análise econômica. A partir daqui, é possível perceber duas características que a singularizam no campo do pós-keynesianismo e do keynesianismo de uma maneira geral, e que corroboram sua caracterização como uma “pós-keynesiana de esquerda” (VILLASOL, 2007), ou uma pós-keynesiana crítica, como preferimos dizer, ou seja, que faz uma leitura analítica do capitalismo orientada também para o exame das possibilidades de transformação a longo prazo dos sistemas econômicos realmente existentes: a) em primeiro lugar, sua proposta de estabelecer um diálogo crítico com o marxismo, reconhecendo a cientificidade das contribuições de Marx para a análise do capitalismo, e buscando incorporar (através também do diálogo com autores tais como Kalecki e Rosa Luxemburgo), temas caros a essa tradição teórica, através da elaboração de um “keynesianismo de longo prazo”, e de uma agenda de pesquisas voltadas para temas tais como a acumulação de capital, as relações intersetoriais dinâmicas entre os diferentes ramos da economia (os “esquemas de reprodução”), dentre outros, como veremos adiante; b) em segundo lugar, seu interesse e preocupação pela análise dos processos de desenvolvimento econômico dos países da periferia do sistema capitalista, inclusive de transição ao “socialismo”, que possibilitasse vias alternativas de desenvolvimento das economias industriais além daquelas existentes nos países capitalistas “centrais”. Essa é a razão teórica do interesse permanente e crescente de JR pelos processos de desenvolvimento dos países da periferia do sistema capitalista (dentre os quais se destacam a China, e a Índia, como veremos adiante, mas não somente estes países), na medida em que JR via a possibilidade de que os processos de desenvolvimento desses países pudesse servir para corrigir ou minorar algumas anomalias ou disfuncionalidades observadas pela autora nos países capitalistas centrais, dentre os quais se destacam a desigualdade social, o peso crescente dos gastos militares, o excessivo consumismo gerador de desequilíbrios ambientais e econômicos, dentre outros.

Assim, essa disponibilidade constante de JR de dialogar com o pensamento crítico, é o que a singulariza de certa forma no campo pós-keynesiano, fazendo-a incorporar em suas preocupações intelectuais outros temas além da regulação da instabilidade macroeconômica das economias capitalistas, como o faz boa parte do pensamento pós-keynesiano (CURADO & SILVA, 2018). É o que veremos com mais detalhe no próximo capítulo.

3 SISTEMAS ECONÔMICOS COMPARADOS: JOAN ROBINSON E SUAS REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.

Nessa segunda parte do trabalho procuraremos fazer uma breve reflexão sobre a teoria do desenvolvimento de JR situando-a no contexto de seu projeto teórico. Nossa proposição básica é a de que sua atração pela análise dos sistemas econômicos comparados a partir da segunda guerra mundial não se deveu apenas a idiosincrasias pessoais ou preferências ideológicas, mas derivou de certos princípios analíticos ou teóricos elaborados pela autora ao longo de suas obras, especialmente a partir de *Acumulação de Capital*. Essa proposição não é inteiramente original e já foi formulada por outros autores [FEIWELL, 1989; HARCOURT & KERR, 2009]. Entretanto, em nossa análise buscaremos sublinhar certos aspectos que não foram enfatizados por estes autores, como esclareceremos adiante. Antes, porém, efetuaremos uma breve contextualização das reflexões sobre teoria do desenvolvimento no quadro mais amplo da evolução intelectual da economista inglesa.

3.1 A NOÇÃO DE SISTEMAS OU MODELOS ECONÔMICOS COMPARADOS.

Previamente ao aprofundamento da análise é necessário fazermos uma breve digressão sobre a noção de “sistemas econômicos comparados”. Essa idéia foi extraída do artigo de Ricardo Luiz Feijó intitulado “*A nova disciplina de sistemas econômicos comparados: uma proposta*”, onde o autor destaca a importância de uma reflexão sobre sistemas econômicos comparados para a formação do economista²⁴. Segundo o autor, “... importante hoje em dia é o estudo de sistemas econômicos com crenças filosóficas e sociais distintas e que impliquem variados graus de intervenção do Estado na economia, dentro de um contínuo de modelos ordenados segundo critérios e compatível com sociedades com graus também variados de democracia” (FEIJÓ, 2008: p. 117).

²⁴ Também um economista de postura mais ortodoxa, como Samuel Pessoa, por exemplo, sublinha a importância do estudo desta disciplina para a análise comparada dos processos de desenvolvimento. Cf. o vídeo do Youtube intitulado “**Os erros e acertos do passado: uma conversa sobre economia com Samuel Pessoa**”, onde o autor sublinha a importância dessa reflexão e afirma: “Precisamos recuperar uma disciplina que se chamava modelos econômicos comparados, ministrada pela profa. Lenina Pomeranz na USP. (...) Aí caiu o muro, e essa disciplina saiu da grade...” Cf. o link: <https://youtu.be/a9EFVt5-5G8> (último acesso em: agosto de 2022).

Para Feijó, “sistemas (ou modelos) econômicos” são padrões de desenvolvimento que articulam variáveis de natureza econômica, com ideologias políticas e modelos institucionais de comportamento dos agentes econômicos. Esses sistemas tem como função mapear diferentes modelos econômicos implementados em diferentes países, que não se limitem aos modelos normativos “puros” ou típicos ideais que se derivam classicamente de determinadas ideologias políticas ou correntes de pensamento econômico, tais como “liberalismo”, “socialismo”, “social-democracia” etc. O autor menciona ainda alguns autores que foram referências básicas no estudo da disciplina até os anos 80, tais como Lindblom (1977), Neuberger e Duffy (1976), Pryor (1985), Vickers e Arrow (1989) e Zimbalist e Sherman (1984). Ainda segundo Feijó, cada um desses livros aborda uma dimensão diversas da dinâmica dos sistemas econômicos: “O livro de Lindblom explora a inter-relação de mercados com as ações políticas de grupos organizados. Neuberger procura extrair recomendações para a tomada de decisão econômica com base na comparação de sistemas econômicos, concentrando-se no estudo de caso de países específicos. É um livro recheado de estudos de caso. Pryor prioriza o enfoque histórico e institucional dos sistemas econômicos. Vickers e Arrow centralizam o enfoque na questão da privatização. A obra de Zimbalist e Sherman também é rica em estudos de caso”. (Op. Cit., p. 126).

Sendo assim, há uma certa flexibilidade para a aplicação do enfoque dos modelos de sistemas econômicos comparados no estudo dos diferentes processos de desenvolvimento. Procuraremos utilizar as sugestões de Feijó, explicitando os elementos componentes dos diferentes sistemas econômicos nas análises JR dos processos de desenvolvimento de diferentes países. O próprio autor aplica as idéias em seu artigo, identificando os seguintes sistemas econômicos no mundo, conectando ideologias políticas e sociais a determinados modelos de desenvolvimento econômico:

FIGURA 12 - TABELA DE SISTEMAS ECONÔMICOS SEGUNDO FEIJÓ (2008)

Tabela 7: Modernos sistemas econômicos identificados para o estudo de SEC

Ideologia política	Sistema econômico	Exemplo de países
Social democracia do estado de bem-estar social	Estado de bem-estar social europeu	França, Alemanha, Holanda, Suécia, Itália, Irlanda, Reino Unido
	Ex-economias socialistas e China	Rússia, Polônia, China
	Países em desenvolvimento	Brasil, Índia, Indonésia
Liberalismo	Modelo americano	EUA, Austrália
	Outros	Canadá
Neoliberalismo	Modelo japonês	Japão
	Outros	Taiwan, Singapura

Fonte: Feijó (2008: p. 132)

Nesse ponto, cabe formular a questão: onde estariam os principais elementos da teoria do desenvolvimento de JR? Para responder a essa indagação recorreremos às afirmações de alguns comentadores e analistas de sua obra. A relação entre *Acumulação do Capital* e a análise comparada dos processos de desenvolvimento na evolução intelectual de JR é destacada na seguinte passagem da apresentação ao livro de JR na coleção *Os economistas*:

“Por meio do objeto específico de análise de sua obra – a acumulação de longo prazo – JR começou a interessar-se mais a fundo pelo estudo das experiências concretas de desenvolvimento, não apenas das economias capitalistas avançadas, mas também das subdesenvolvidas e das economias socialistas, assim como pelas teorias relativas ao processo em questão. O referido interesse manifestou-se mais intensamente nos anos 50 e 60 através de uma série de artigos sobre a teoria do desenvolvimento e do emprego e sobre a relevância prática da economia marxista” (SZMRECSÁNYI, 1983).

Agregaremos apenas que esse interesse se manifestou também ao longo dos anos 70, tendo JR publicado diversos artigos e livros sobre o processo de desenvolvimento de diferentes países, e mesmo escrito um livro dedicado precipuamente ao tema (ROBINSON, 1979; ADELMAN et al., 1989). Outros autores também chamam a atenção para a conexão existente entre o esforço analítico de JR em suas obras de análise econômica e seu estudo dos diferentes processos de desenvolvimento em diferentes países do mundo ou destacam a importância da reflexão sobre o desenvolvimento econômico na obra da autora:

“Joan Robinson tratou de todos os temas relevantes da economia, com destaque para o processo de acumulação de capital e as questões relativas ao desenvolvimento. O conjunto de sua obra é composto por várias coletâneas de ensaios, três livros-texto e uma enorme quantidade de artigos, que incluem textos didáticos endereçados ao movimento sindical, relatórios de suas viagens (principalmente à Índia, União

Soviética e China), e resenhas tão polêmicas que raramente não deram início a longas e acirradas controvérsias. Seus livros sobre a concorrência imperfeita, a teoria marxista, a acumulação de capital, e crescimento e desenvolvimento econômicos marcaram de forma indelével a teoria econômica contemporânea” (HELLER, 1996: p. 327).

Também para Adelman e Sunding, há uma evolução da obra de JR em direção a uma abordagem das questões referentes ao desenvolvimento econômico e análise comparada dos sistemas econômicos, havendo inclusive uma mudança de posição da autora após o estudo de caso de países específicos.

“Joan Robinson's development economics was firmly rooted in her *Accumulation of Capital* (1956). She shared with the early development economists the stress on capital accumulation and, particularly, on investment in physical capital as the major determinant of economic development; but, in her stress on the rate of capital accumulation, she was rather more extreme than mainstream development economists. Unlike mainstream development economists, she placed less emphasis on externalities, technical change, institutional change, and the accumulation of human capital as important contributors to economic development” (Adelman & Sunding, 1989: p. 765).

Ainda segundo os autores, há três períodos bem delimitados na reflexão de JR sobre os processos em desenvolvimento em diferentes sistemas econômicos, especialmente nos países do terceiro mundo: a) o primeiro, fortemente inspirado pela concepção exposta em *Acumulação de Capital*; b) o segundo, influenciado pelo desencantamento com os resultados das experiências de desenvolvimento econômico no leste europeu e seu “fascínio” pela China maoísta; c) o terceiro, ainda influenciado pelos dois primeiros fatores, mas expressando também um certo desencantamento com a experiência chinesa²⁵.

Isto posto, esclareça-se mais uma vez que o objetivo dessa monografia não é reconstituir o conjunto da teoria do desenvolvimento de JR, nem caracterizar suas oscilações ao longo do tempo, trabalho parcialmente realizado por estes autores (ADELMAN & SUNDELMAN, 1989; HARCOURT & KERR, 2009), mas somente mencionar brevemente alguns de seus elementos, a fim de esclarecer e explicitar melhor os elementos analíticos subjacente à análise dos sistemas econômicos comparados efetuadas pela autora.

Fixada essa idéia, cabe agora examinar rapidamente alguns aspectos de sua análise comparada dos processos de desenvolvimento em diferentes países.

²⁵ Embora possa parecer *nonsense* hoje em dia, os autores chegam a afirmar que o contato com a experiência chinesa “humanizou” o enfoque de JR aproximando-a da concepção do “*basic needs approach*”, em detrimento da defesa da industrialização acelerada por substituição de importações e exportação de manufaturados leves, influente em muitos economistas de então. (Op. Cit., p. 773)

3.2. A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EM JOAN ROBINSON E A ANÁLISE COMPARADA DOS SISTEMAS ECONÔMICOS.

Há certo consenso entre os analistas em subdividir a obra de JR nas seguintes fases:

1) Uma primeira fase, onde a autora se concentrou em problemas microeconômicos e no diálogo crítico com a economia neoclássica, criticando os fundamentos microeconômicos da concorrência perfeita e elaborando um modelo teórico alternativo, que ficou conhecido na história do pensamento econômico como “concorrência imperfeita” ou “concorrência monopolística”, e que redundou na elaboração das modernas teorias do oligopólio e da concorrência oligopolistas, estudadas nos manuais heterodoxos de microeconomia e economia industrial (ROBINSON, 1933; MARCUZZO, 2003; HELLER, 1997; POSSAS, 1987; KUPFER & HASENCLEVER, 2013)

2) Uma segunda fase, onde concentrou-se em questões macroeconômicas e na elaboração e divulgação do paradigma keynesiano, dedicando-se à elaboração de obras de divulgação ou aprofundamento da teoria keynesiana de decisões de gasto (investimento e consumo) e seus impactos sobre a produção e o emprego numa economia monetária em condições de incerteza (ROBINSON, 1937A; ROBINSON, 1937B).

3) Uma terceira fase onde, sob o influxo da influência de Marx e de autores marxistas, e de economistas como Kalecki, procurou desenvolver um “keynesianismo de longo prazo”, compatibilizando a visão keynesiana sobre as causas das flutuações das economias monetárias, com a visão influenciada por Marx sobre a dinâmica de longo prazo da economia capitalista, da alocação do excedente e da acumulação de capital nos sistemas econômicos modernos. Pertence a essa fase a famosa “controvérsia do capital”, na qual se envolveu com economistas da chamada “síntese keynesiana neoclássica”, tais como Paul Samuelson, Solow, dentre outros. A obra que consolida a transição para essa fase de maturidade, segundo a maioria dos autores, é *Acumulação de Capital*, publicada em 1956 (ROBINSON, 1942; 1952; 1956; 1962).

4) Por fim, uma fase de maturidade onde, após a elaboração de seu paradigma pós-keynesiano geral derivado da síntese de contribuições de vários autores “heterodoxos” (tais como Keynes, Marx, Kalecki e outros), JR busca aplicar esse esquema teórico abrangente e alternativo ao modelo da “síntese neoclássica” na análise de economias concretas, envolvendo-se também na elaboração de ensaios de divulgação visando à difusão de seu pensamento para setores mais amplos da opinião pública, bem como de uma audiência mais especializada

(Robinson, 1962; 1966; 1969; 1970; 1971; 1973; 1978; 1979; 1981). Essa última fase nos interessa mais aqui, na medida em que JR aprofunda suas concepções sobre desenvolvimento econômico, que a possibilitará efetuar a análise comparada de várias economias, tanto do centro como da periferia do capitalismo.

Com efeito, Adelman & Sunding (1989) e Harcourt & Kerr (2009) chamam a atenção para dois aspectos importantes da teoria do desenvolvimento de Joan Robinson: a) em primeiro lugar, a relação existente entre a análise de JR das economias subdesenvolvidas e o esquema teórico anterior, ou seja, sua proposta já mencionada acima de formulação de um “keynesianismo de longo prazo” que explicasse as tendências de longo prazo da dinâmica de desenvolvimento das economias capitalistas; b) em segundo lugar, uma oscilação dentro da teoria do desenvolvimento, de uma primeira fase, onde haveria uma avaliação mais positiva do processo de acumulação de capital e da valorização da industrialização de uma maneira geral, para uma fase posterior ou mais “madura”, na qual, grandemente influenciada pela análise da experiência chinesa, passaria a dar mais importância à *qualidade da industrialização*, incorporando outros parâmetros normativos em sua avaliação dos diferentes sistemas econômicos, além daqueles relacionados à eficiência e à magnitude do processo de acumulação do capital, como, por exemplo, o efeito do desenvolvimento sobre a qualidade e o nível de emprego, o equilíbrio entre agricultura e indústria, as necessidades de consumo do trabalhador, seus impactos sobre o meio ambiente e sobre a qualidade da estrutura de bens públicos que produzam externalidades positivas para os agentes econômicos, dentre outros fatores. É esse aspecto, a nosso ver, que faz de JR uma economista extremamente atual, e que de certa forma a singulariza no campo do pós-keynesianismo. Nas linhas abaixo, recuperaremos brevemente alguns dos principais elementos da análise da autora.

Em relação ao primeiro ponto, a estrutura teórica da teoria do desenvolvimento de JR está exposta em seus artigos esparsos e especialmente em alguns de seus livros tardios e de divulgação de seu pensamento para um público mais amplo, tais como *Liberdade e Necessidade* (1971), *Uma introdução à economia moderna* (1973), e *Aspectos do Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1979). No tocante ao segundo aspecto, suas análises estão contidas em vários artigos esparsos publicados pela autora, alguns dos quais estão publicados em suas coletâneas periódicas, intituladas *Collected Papers*²⁶.

²⁶ Como se sabe, foram publicadas ao todo 5 edições dos *Collected Papers*. No vol. II de *Collected Economic Papers* estão concentrados seus principais textos sobre teoria do desenvolvimento, além de artigos esparsos sobre o processo de desenvolvimento de vários países que publicou ao longo de sua obra. Cf. Robinson (1964).

Procuraremos abaixo explorar a relação entre esses dois momentos de sua reflexão (elaboração de idéias gerais e análise de sistemas econômicos específicos) e explicitar a estrutura teórica elaborada por JR para efetuar a análise comparada dos processos de desenvolvimento que realizou na última fase da sua vida, e os critérios para a avaliação normativa dos diferentes processos que examinou. Procuraremos detalhar a estrutura subjacente aos seu raciocínio, destacando alguns dos principais aspectos de sua análise.

Para JR o processo de desenvolvimento é basicamente de criação de excedente e de acumulação de capital (no caso das economias capitalistas), ou seja, de agregação de capital físico e humano ao estoque de ativos pré-existente, e não apenas o uso ou emprego da capacidade previamente construída (ROBINSON, 1979). A partir dessa definição mais geral, JR sublinha que apenas a análise econômica mais superficial pode encerrar-se nessa constatação. Por isso, a autora critica o uso isolado e descontextualizado de indicadores tradicionais da economia ortodoxa sobre os diferentes processos de desenvolvimento, tais como o PIB, Índice de Gini, “renda agregada”, “emprego” e outros que se concentram na avaliação quantitativa do padrão mediano do desempenho das diferentes economias. Para a autora, é fundamental dar um passo além do mero uso destes indicadores mais tradicionais da análise do processo de desenvolvimento e criar ferramentas analíticas mais sofisticadas para avaliar de forma comparada a qualidade dos processos de desenvolvimento existentes nos diferentes países e sistemas econômicos. É justamente a partir da criação desses indicadores que JR vai examinar de maneira mais sistemática os casos de processos de desenvolvimento econômico ao longo de sua obra, bem como criar alguns parâmetros normativos para avaliar (positiva ou negativamente) a natureza de cada um desses processos.

Para JR, o processo de acumulação de capital e criação e de apropriação do excedente econômico depende fundamentalmente de decisões alocativas microeconômicas, que não conduzem a nenhuma “eficiência ótima de mercado”, como postulam os adeptos de modelos de otimização e de equilíbrio da concorrência perfeita, por um lado, nem a uma ineficiência crônica ou “tendência à queda da taxa média de lucro”, como querem os marxistas. Na verdade, o padrão de acumulação de capital (no caso do capitalismo) e de criação e apropriação do excedente (em sociedades pré-industriais), depende do grau de concentração de poder econômico nas mãos dos proprietários, e de como o mercado é regulado ou interage com outros fatores e instituições. Assim, a análise dos processos de desenvolvimento econômico em diferentes sistemas implica um duplo procedimento metodológico: a) verificar como se dá o processo de alocação de recursos e apropriação do excedente pelos proprietários privados e detentores do poder econômico em nível das empresas; b) averiguar como esse processo se

articula a outros fenômenos para originar uma determinada trajetória específica nos processos de desenvolvimento de diferentes países.

São estes parâmetros, por exemplos, que ela utiliza para efetuar a crítica de alguns processos de desenvolvimento econômico implementados em determinados países (como o EUA, o leste europeu, a URSS, e o Brasil, por exemplo) e avaliar positivamente outros (como a China, os países da Europa do norte, a alguns países asiáticos).

Para Joan Robinson, um processo de desenvolvimento adequado deve ser aquele que: a) estimule o crescimento econômico, evitando a estagnação econômica e a inibição do processo de criação de um excedente apropriável; b) corrija progressivamente as desigualdades sociais, evitando a concentração de poder econômico e de riqueza nas mãos de poucos agentes econômicos, sejam privados ou públicos-estatais; c) evite o desperdício de recursos públicos em gastos ineficientes que não satisfaçam as necessidades básicas do consumidos no longo prazo, seja através da melhoria constante da qualidade dos bens de consumo, seja através da criação de uma rede de infra-estrutura que crie bens públicos de usufruto da maior parte da população. Deve-se sublinhar que a unidade analítica de JR não são os países em si, enquanto singularidades culturais e geopolíticas, mas sim determinadas localidades geográficas representativas de determinados sistemas econômicos com potencial de difusão em outras regiões. Para JR um crescimento ou processo de desenvolvimento equilibrado não é nem aquele na qual o mercado promove a “ótima alocação de recursos”, nem aqueles nos quais há uma “racionalidade burocrática” de natureza platônica promovendo a alocação ótima de recursos à revelia do mercado e através de ferramentas de planificação e programação macroeconômica.

Apenas a título de ilustração dessa idéia: JR defende a intervenção regulatória nos diferentes mercados, mas está longe de ser uma “estatista”, que acredita que a alocação de recursos via planejamento econômico é sempre mais eficiente do que a ocorrida partir de decisões microeconômicas relativamente descentralizadas. Por esse motivo, ela defende os processos de industrialização acelerada observados nos países centrais e da periferia do capitalismo ao longo do pós-II Guerra Mundial, mas está longe de ser uma “desenvolvimentista fundamentalista”, que acredita acriticamente no “estímulo à industrialização” e à acumulação em geral para resolver os problemas dos países subdesenvolvidos, como fica claro no capítulo “*Industrialização dependente*”, de seu livro sobre o desenvolvimento, onde critica os efeitos de várias políticas de industrialização acelerada em países da periferia do sistema capitalista (cf. abaixo). Para JR, a industrialização só teria efeitos positivos para o desenvolvimento econômico se viesse acoplada a outras medidas governamentais e processos econômicos que garantissem um crescimento mais equilibrado e de maior qualidade, tais como, por exemplo, o combate ao

desemprego em larga escala, à inflação, à pobreza ou exclusão sociais, e à falta de produção de bens em larga escala que satisfizessem as necessidades básicas do consumidor. Por esses motivos JR sempre foi crítica a modelos de crescimento econômico como os EUA e a URSS, que alocavam grandes parcelas dos recursos sociais em indústria pesada, especialmente indústria armamentista, em detrimento de investimentos em infra-estrutura e bens públicos que trouxessem mais externalidades positivas para o consumidor mediano. Essas idéias ficarão mais claras se examinarmos mais de perto algumas das obras básicas onde JR expõe suas concepções sobre desenvolvimento, aplicando-as sumariamente à análise comparada de diferentes sistemas econômicos.

Liberdade e necessidade, publicado originalmente em 1971, se constitui num conciso ensaio didático sobre as tendências de longo prazo do desenvolvimento econômico dos diferentes tipos de sociedade no transcurso da história, bem como sobre seus impactos sociais. Para JR, uma vez desagregada a economia comunitária primitiva, a apropriação e alocação do excedente social, devido à situação de escassez vigente (o reino da necessidade), implicou num enrijecimento das hierarquias sociais e do direito de propriedade. A revolução industrial inglesa e a difusão do capitalismo pelo mundo marcam um divisor de águas nesse processo, na medida em que a elevada produtividade do trabalho ocasionada pelo desenvolvimento do capitalismo, torna possível uma menor alocação do tempo de vida na satisfação das necessidades de sobrevivência humana. Por sua vez, a aplicação do princípio do maquinismo e da automação no processo de trabalho, gera um maior potencial de tempo livre (“reino da liberdade”, onde os seres humanos teriam possibilidades crescentes de escolher como alocar seu tempo, entre dedicação ao trabalho para aumentar o acúmulo de riqueza e o acesso a bens de consumo, e a dedicação a outras atividades a partir da obtenção de um nível mínimo de subsistência material). Entretanto, a aplicação do princípio do maquinismo e do progresso técnico constantes (inovações técnicas organizacionais e sociais) a eles associadas não torna possível apenas um modelo de sistema econômico e de sociedade. Ao contrário, são possíveis diferentes modelos de desenvolvimento econômico através da aplicação do princípio da automação do processo de trabalho, em função de decisões tomadas pelos diferentes tipos de sociedade sobre como alocar seus recursos técnicos e humanos.

Para JR, mesmo os sistemas autodeclarados “socialistas”, na verdade não eram mais do que sistemas econômicos periféricos que resolveram formular uma ideologia desenvolvimentista mais igualitária para motivar as massas trabalhadoras a aderirem a um processo de industrialização acelerada, conduzido por uma burocracia de estado planificadora, e não por uma classe empresarial privada, como no caso dos países capitalistas “clássicos”, tais

como a Bélgica, o UK, ou mesmo os EUA numa fase inicial: “Revelou-se que o socialismo não constituía uma etapa além do capitalismo, mas sim um meio alternativo de efetuar a industrialização” (Op. Cit., p. 77).

Nos capítulos finais de seu livro (p. 82 e segs.) JR aplicará seu modelo teórico à análise de cada um desses modelos de desenvolvimento econômico, caracterizando cada sistema econômico tornado possível pela aplicação do princípio da automação em larga escala do processo de trabalho e de criação do excedente, e destacando seus pontos positivos e negativos.

O primeiro sistema econômico possibilitado pela crescente automação dos processos produtivos é o vigente nos EUA. No capítulo 8 de sua obra, intitulado “*A indústria e o estado*”, JR se dedicará à caracterização desse sistema econômico. JR se baseia principalmente nas análises do economista John Kenneth Galbraith para caracterizar esse sistema econômico (GALBRAITH, 1973). Resumidamente, seus elementos são os seguintes: a) crescimento liderado pela tecnoestrutura e não pelos acionistas individuais, que tem pouco poder efetivo sobre as decisões de gasto das empresas capitalistas; b) instauração de um elevado padrão de consumo para evitar o acúmulo indesejado de estoques e o excesso de capacidade ociosa, causado pela elevada produtividade do trabalho; c) para estimular esse padrão de consumo são necessários pesados investimento em *marketing*, estratégias de “obsolescência planejada”, e outras técnicas de persuasão de massa, bem como investimentos na indústria armamentista para manter aquecidas as indústrias líderes intensivas em capital; d) isso gera uma dependência do das indústrias de alta tecnologia dos gastos militares e subsídios estatais, desviando os recursos de gastos sociais em bens públicos, e aumentando as desigualdades e o desemprego, embora integre amplos setores da população no mercado de consumo.

O segundo sistema econômico capitalista examinado pela autora (cap. 9, “O novo mercantilismo”) são os países da Europa ocidental que logram integrar amplas parcelas das classes trabalhadoras no mercado de consumo através da ampliação dos gastos sociais, implantando, com variados graus de intensidade, Estados de bem-estar social (*Welfare State*) bem sucedidos. JR se baseia principalmente nas análises que Gunnar Myrdal e Andrew Shonfield fazem desses sistemas, em obras tais como *Beyond Welfare State* e *Modern Capitalism*, (MYRDAL, 1961, SHONFIELD, 1967). Resumidamente, são os seguintes as características destes sistemas econômicos: a) acentuados gastos sociais em infra-estrutura urbana e bens públicos (saúde, educação e transportes públicos); b) manutenção de um setor privado forte (ao inverso dos países “socialistas”), mas regulado e subordinado ao planejamento estatal; c) diminuição das desigualdades sociais e de um padrão de consumo mais equilibrado entre distintos setores da população. Entretanto, assim como no modelo anterior, tal sistema

produz algumas disfuncionalidades e anomalias, tais como a possibilidade de estagnação econômica, e a criação de uma ideologia individualista do consumo, gerando uma série de fenômenos psicossociais correlatos a essa ideologia.

O terceiro sistema econômico são aqueles existentes nos países do leste europeu, com destaque para a antiga União Soviética. JR analisa os sistemas econômicos conjuntamente, pois, segundo a autora, “O sistema russo foi transportado por todos esses países, inclusive sua tirania e injustiça” (p. 95). Para JR, são as seguintes as características fundamentais do sistema: a) desenvolvimento de uma industrialização pesada acelerada sobre o comando de um Estado planejador; b) desenvolvimento de uma “ideologia anticonsumista” e chauvinismo nacional, para justificar os grandes investimentos públicos em ciência e tecnologia, em detrimento das necessidades de consumo das massas; c) desenvolvimento de uma estrutura de gastos sociais, mas com manutenção das desigualdades e “*power distance*” no processo decisório das organizações, com a burocracia de estado se convertendo na nova classe dominante. As principais disfunções promovidas pelo sistema são uma tendência à estagnação econômica e a colocar em plano subordinado as necessidades do consumidor, contribuindo para a geração de crises de legitimidade no sistema, como a ocorrida na Tchecoslováquia nos anos 60.

O quarto sistema econômico analisado pela autora são os de países asiáticos que optaram pela construção do socialismo, com destaque para a China. Para JR, esse modelo apresenta algumas características distintas, tendo em vista seu ponto de partida diferente do modelo anterior, com forte influência política de uma classe camponesa, inspirada por ideologias mais igualitárias e participativas. Esse modelo é examinado no capítulo 11 do livro, intitulado “*Um outro caminho*”. Para a autora, as características do sistema econômico implementado nesses países são as seguintes: a) geração de uma estrutura mais igualitária e com um forte setor de pequenos produtores integrados ao mercado, especialmente através das Comunas agrícolas; b) geração de um padrão de crescimento e de acumulação de capital menos dependente da industrialização pesada e mais orientado para a satisfação das necessidades de consumo das massas e para a constituição de um mercado interno, embora com planejamento estatal forte e regulação do processo de investimento privado; c) maior atenção às necessidades de consumo das massas, com a adoção de um planejamento mais flexível e participativo, com maior influência dos trabalhadores na gestão das empresas públicas e privadas (“Os planejadores chineses, desde o início, deram ao consumidor o tipo de consideração que agora está entrando em moda na União Soviética (sic.)” (p. 103); d) maior flexibilidade ao mercado no processo alocativo global, que se torna assim menos “estado-dependente”. Assim como no modelo anterior, o modelo chinês é sujeito a algumas disfunções, tais como a excessiva

concentração do desenvolvimento em alguns centros urbanos, aumentando as desigualdades sociais e regionais, e o risco de excessiva dependência de soluções autoritárias “vindas de cima”, bem como o aparecimento de um “igualitarismo selvagem” que podem inibir os investimentos econômicos, e que podem gerar problemas de escassez e estagnação econômica no futuro²⁷.

Por fim, o último modelo caracterizado é o “subdesenvolvimento terceiro mundista”, que JR examina agregadamente nesse livro, sem a preocupação de detalhar a caracterização de diferentes subsistemas no mundo subdesenvolvido, que revelará em outros trabalhos. Para JR a situação de subdesenvolvimento é uma situação de baixa produtividade do trabalho e ausência de industrialização, em comparação com os países desenvolvidos, de forma que se produz um baixo excedente social capaz de ser objeto de decisões alocativas a partir de políticas centralizadas de governo. No cap. 12 de seu livro, “O Terceiro Mundo”, a autora caracteriza alguns elementos desse sistema econômico, tais como: a) ausência de industrialização ou industrialização limitada e dependência do exterior para financiar o crescimento econômico; b) subocupação da mão-de-obra com baixa geração de renda e fraco mercado interno. A autora admite que, em algumas circunstâncias, devido basicamente ao surgimento de elites comprometidas com o processo de industrialização, pode haver uma industrialização nos países periféricos. Entretanto, esse crescimento não é suficiente para promover um processo de acumulação de capital que resolva os crônicos processo de desigualdade social e dependência do financiamento externo: “Em certos caso muito especiais, se obteve sucesso em promover o capitalismo nacional (...); na maioria dos casos, porém, isso conduz a uma nova dependência que mais inibe o crescimento do que o promove; além disso, as despesas com os empréstimos sobem de ano para ano; uma parte cada vez maior da ajuda corrente é utilizada para pagar a ajuda já recebida” (p. 108).

Vemos, assim, esboçada uma análise comparada dos sistemas econômicos em JR, agrupados basicamente a partir do critério de como o processo de acumulação de capital se articula a outras variáveis macroeconômicas, tais como o padrão de gastos estatais para estimular a economia, a existência ou não de uma estrutura de bens-públicos criada pelo Estado, o padrão de consumo das massas, a geração ou não de desigualdades sociais, as relações intersetoriais entre agricultura e indústrias, dentre outros indicadores. A combinação destes

²⁷ A antecipação desses problemas foi que levou JR a fazer uma “autocrítica” num momento posterior, e polemizar com economista francês Charles Bettelheim, outro simpatizante da experiência chinesa, mas que divergiu do programa das “quatro grandes modernizações” conduzido pela facção de Deng Chiao Ping, reformas essas que foram apoiadas por JR.

elementos depende da trajetória pregressa bem como das escolhas e decisões políticas internas que foram tomadas anteriormente por cada um desses países, na gestão de sua economia política macroeconômica.

Essa estrutura teórica esboçada sinteticamente em *Liberdade e Necessidade*, será desenvolvida em obras posteriores. Dentre elas destacamos a obra *Aspectos do desenvolvimento e subdesenvolvimento*, comentada brevemente a seguir (ROBINSON, 1979)²⁸. Frise-se, entretanto, que o próprio título da obra já indica seu caráter ensaístico, buscando desenvolver e articular algumas idéias em estado de elaboração, menos do que aplicar um modelo teórico acabado na análise dos diferentes sistemas e modelos econômicos implementados em diferentes países. Entretanto, JR não apenas reproduz elementos analíticos formulados em trabalhos anteriores, mas agrega algumas idéias e caracteriza melhor alguns sistemas, como veremos a seguir.

Em *Aspectos do Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* JR irá aplicar sua teoria do desenvolvimento, se aprofundando em alguns aspectos apenas esboçados anteriormente, como a caracterização do processo de desenvolvimento dos sistemas econômicos e alguns de seus problemas ou disfunções, com destaque para os países do 3 mundo. Lembrando que a obra foi publicada dentro da série organizada pela Universidade de Cambridge, *Manuais de Economia de Cambridge*, para promover a divulgação de obras sobre o ensino da economia. Lembrando também que o critério básico aplicado por JR para diferenciar diversos sistemas econômicos é de como o processo de acumulação se articula a outros fatores de natureza distinta, inclusive de ordem extraeconômica como, por exemplo, os padrões de intervenção do Estado na economia.

A obra é constituída de 8 capítulos onde, após explicitar alguns princípios teóricos nos dois primeiros capítulos, JR irá abordar cada um dos elementos que, articulados ao processo de acumulação de capital, influenciam a dinâmica de cada um dos sistemas econômicos por ela examinados, bem como caracterizar alguns dos “problemas” gerados por essa combinação nos diferentes países. Para JR, são os seguintes estes elementos: a) propriedade da terra e mão-de-obra; b) comércio exterior; c) financiamento externo; d) natureza do processo de industrialização; e) padrões de gasto público.

Com efeito, logo no prefácio de *Aspectos do desenvolvimento e subdesenvolvimento* JR explicita os princípios teóricos em que se baseia: “A teoria econômica básica que parece ser útil para mim é uma reinterpretação, em termos pós-keynesianos, da teoria clássica e da teoria

²⁸ Há edição brasileira dessa obra intitulada *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (ROBINSON, 1981).

marxista da acumulação, da distribuição e do comércio internacional. Para evitar mal-entendidos, o capítulo 2 explica a maneira pelo qual eu faço uso dos conceitos marxistas” (*Prefácio*, tradução livre, assim como as demais adiante), explicitando assim sua proposta básica de aplicar um “keynesianismo de longo prazo” à análise de diferentes processos de desenvolvimento econômico, a partir da crítica a determinados postulados da economia ortodoxa, embora reconhecendo a cientificidade desta empreitada analítica.

No capítulo 2 (“Luzes enganosas” ou “aspectos enganosos”), JR inicia sua obra criticando a economia ortodoxa por usar parâmetros inadequados para analisar e avaliar os processos de desenvolvimento de diferentes países, a começar do conceito de Produto Nacional (Op. Cit., p. 3). Critica também o influente livro publicado pela ONU, *Guidelines for project evaluation* (ONU, 1972), por utilizar o PIB per capita como parâmetro para avaliação dos impactos dos diferentes projetos de investimento. Entretanto, JR critica não apenas a ortodoxia corporificada nos manuais de análise de projetos de investimento das agências internacionais, mas também a visão predominante em certos meios de esquerda, especialmente marxistas, segundo os quais o crescimento populacional não teria impactos negativos na qualidade de vida da população trabalhadora (“alguns marxistas dogmáticos e fanáticos se juntaram ao Papa na recusa em admitir que o crescimento da população, no atual contexto, pode levar a um impedimento no crescimento do bem-estar econômico”. Tradução livre, p. 8).

No capítulo 3 (“Produção do excedente e acumulação”), JR resume algumas idéias desenvolvidas em *Acumulação do Capital*, examinando brevemente a questão do uso do excedente desde os fisiocratas até a abordagem keynesiana, relacionando-a com a demanda efetiva. Há também um longo e denso apêndice onde ela aborda a questão da acumulação e discute alguns pontos de teoria econômica marxista. Segundo JR, um dos elementos fundamentais para a explicação do desenvolvimento econômico é a forma como o excedente é alocado ou como o processo de acumulação de capital ocorre. Esse processo não pode ser mensurado apenas por indicadores macroeconômicos quantitativos (tais como PIB ou Renda per capita), mas devem ser caracterizados os vários regimes de acumulação ou forma de reinvestimentos do excedente possíveis, estes considerado como uma forma de apropriação de um excedente gerado devido à posse de título de propriedade garantido pelo Estado, e não uma “remuneração do fator de produção”, ou um mero retorno econômico devido à interações e negociações espontâneas no mercado e produtividade marginal do fator trabalho.

No capítulo 3 (“Terra e trabalho”), JR aborda a primeira variável fundamental para explicar o processo de desenvolvimento dos diferentes sistemas econômicos, ou seja, as características da estrutura agrária de determinado país. Dentro dessa estrutura agrária, JR

insere diversos elementos tais como a natureza exportadora ou não da economia, o caráter concentrado ou não da propriedade da terra, o tipo de remuneração do trabalhador e a situação de trabalho dos camponeses. Os principais “problemas” detectados por JR são a concentração de propriedade e elevado grau de pobreza observados em países como Índia, Egito e países de herança feudal da América Latina, que retardam quando não inviabilizam o processo de acumulação de capital. Como boa prática ou exemplo bem sucedido de desenvolvimento, JR aborda a China. Para a autora, apenas na China a “modernização” da agricultura, ou seja, a aplicação do princípio do maquinismo e de modernas técnicas de gestão (tanto capitalistas, como “socialistas”) ao processo produtivo foi bem sucedida: “O sistema chinês de grandes comunas divididas em pequenas equipes de trabalho, combina as vantagens do uso intensivo do fator trabalho (sendo agora gradualmente mecanizado) com o controle sobre o uso da terra em larga escala” (p. 52, tradução própria).

Em seguida, no capítulo 4 (“Comércio dos produtos primários”), JR aborda vários problemas envolvendo o comércio exterior, especialmente de países subdesenvolvidos e da periferia do capitalismo. Ela aponta diversos desequilíbrios no processo de desenvolvimento desses países em função de seu passado colonial e do caráter agroexportador e arcaico de seu sistema econômico, impedindo a criação de um mercado interno amplo que sirva de base para uma acumulação industrial consistente. Esses fatores inibem um processo de acumulação de capital sustentado e baseado no mercado interno dos diferentes sistemas econômicos. Casos conspícuos desses desequilíbrios, são os sistemas econômicos vigentes em países africanos como Senegal, Gana, e outros países da costa leste africana, ainda lidando com a herança de seu passado colonial que impede a construção de uma economia diversificada e com crescimento econômico sustentável. Interessante nesse capítulo é que JR recorre a alguns elementos da curva de oferta de curto prazo de Marshall para explicar o fenômeno da inelasticidade preço dos produtos agrícolas e sua sensibilidade à oscilação de preços nos mercados exteriores (p. 65).

No capítulo 5 (“Ajuda externa e empréstimos”), JR aborda o problema do financiamento do processo de desenvolvimento econômico e da acumulação de capital. Observa a fragilidade financeira das economias periféricas e os riscos associados ao recurso ao financiamento externo. Ela chama a atenção para a necessidade de diferenciar diversos tipos de investimento externos, tais como os investimentos diretos em ferrovias nas antigas colônias britânicas (que tinham um efeito multiplicador positivo nas economias periféricas, sem grandes custos associados), por exemplo, dos modernos financiamentos externos de agências financeiras internacionais e bancos privados. Além disso, examina as diferentes modalidades de ajuda ou

financiamento externo, advertindo sobre os riscos de os países periféricos caírem na “armadilha da dívida” e ficarem insolventes devido à falta de receita para pagar os débitos adquiridos.

Um dos capítulos mais interessantes do texto é o capítulo 6 (“Industrialização dependente”), onde JR aborda outro tema fundamental para o desenvolvimento dos países periféricos que é o do tipo de industrialização possível nos países da periferia do capitalismo. Exemplifica com a análise de vários sistemas econômicos tais como o Paquistão, os países asiáticos (Hong Kong, Taiwan e Coréia do Sul), Japão e outros, que conseguiram industrializar suas economias, mas às custas da intensificação das desigualdades sociais, citando ampla bibliografia para corroborar suas afirmações. Um destaque especial é dado para o Brasil. Baseando-se nas análises de Celso Furtado, ela enumera vários desequilíbrios da industrialização dependente brasileira baseada na transposição de plantas de empresas transnacionais, inclusive antecipando os potenciais problemas de financiamento e do padrão de consumo desigual da economia brasileira num futuro próximo, causados em última instância pela transposição de plantas industriais dos países desenvolvidos para abastecer o mercado interno.

Por fim, no capítulo 7 (“Armamentos”), JR aborda a questão dos padrões de gasto público nos diferentes sistemas econômicos. Em sua teoria do desenvolvimento JR dá muita importância aos investimentos na indústria armamentista, sendo este um de seus eixos de crítica ao capitalismo dos EUA. Segundo JR, “Qualquer ajuda que as nações industrializadas tenham prestado aos países do Terceiro Mundo, em financiamento e tecnologia, é de longe superada pelos prejuízos que lhes causaram, ao arrastá-los para a Guerra Fria e a corrida armamentista” (p. 120). Ela considera a corrida armamentista liderada pelas grandes potências (tanto os EUA, como a antiga URSS), como uma deformação do keynesianismo, com consequências extremamente negativas para o processo de desenvolvimento do centro e da periferia do sistema capitalista. Ela se baseia principalmente num relatório do SIPRI, “*The Arms trade and the third world*”, para apreender estes efeitos²⁹.

JR encerra sua análise abordando o problema da inflação e do desemprego (ou dos impactos das políticas de combate à inflação), num contexto onde a crise do Petróleo já revela seus efeitos mais perversos. Robinson critica firmemente as políticas ortodoxas de combate à

²⁹ SIPRI (*Stockholm International Peace Research Institute*) é uma agência internacional localizada em Estocolmo, Suécia, e que ainda hoje publica relatórios anuais compilando dados sobre os investimentos em armamentos pelas grandes potências e advertindo contra seus riscos e desequilíbrios econômicos a ele associados. Cf.o website da associação: <https://sipri.org/> (último acesso em agosto de 2022).

inflação por não considerarem seus impactos sobre o emprego, a concentração de renda e o mercado interno. Propõe ainda algumas medidas para um crescimento econômico mais equilibrado e com maior equidade, tais como o estímulo à agricultura familiar, criticando veementemente a priorização do agronegócio produtor de *commodities*, e defendendo o estímulo estatal a setores industriais intensivos em trabalho e ao pequeno e médio empreendimento, como forma de geração de emprego.

JR encerra sua análise de forma ligeiramente pessimista, na medida em que não vê evidências de que o desenvolvimento do capitalismo nos diferentes sistemas econômicos esteja contribuindo para gerar economias mais equilibradas e com menor desigualdade social. Excetuando algumas experiências como alguns países europeus que evoluíram na implantação para um *Welfare State*, ou países periféricos que conseguiram implementar um desenvolvimento mais inclusivo como a China, seu diagnóstico geral é “pessimista”, expresso na famosa sentença que encerra seu livro:

“Enquanto a população continuar a aumentar, mesmo que a uma taxa decrescente, a corrida armamentista continuar em ritmo crescente, e a difusão do consumismo destruir os valores e vínculos comunitários humanos em toda a parte, não é fácil ter uma visão otimista da situação dos países do terceiro mundo, hoje. A análise econômica pode apenas ter esperanças de contribuir para eliminar algumas ilusões, e ajudar quem estiver disposto a ver a situação tal como ela realmente é” (Op. Cit. p. 141).

Podemos sintetizar no quadro-síntese abaixo os principais modelos de desenvolvimento econômicos mapeados por PR, bem como seus aspectos positivos e negativos:

QUADRO 05 – QUADRO-SINTESE DOS SISTEMAS ECONÔMICOS COMPARADOS

Sistema econômico e países de vigência	Aspectos positivos	Aspectos negativos
Keynesianismo militarizado. (EUA)	- Promoveu a acumulação de capital e o aumento da produtividade do trabalho, integrando amplas massas de população no mercado de consumo;	- Instaurou um “keynesianismo militarizado”, voltado para a exportação de armamentos e gerador de conflitos militares em escala internacional - Grande padrão de consumo com acentuada desigualdade social.
Welfare State burocratizado. (Suécia, Europa Ocidental)	- Integração das massas trabalhadoras no mercado de consumo através da diminuição das desigualdades sociais; - Criação de uma estrutura de bens públicos financiada pelo Estado;	- Geração de uma ideologia consumista e individualista que pode gerar estagnação e corroer as identidades comunitárias; - ausência de mecanismos de participação e de controle social sobre os burocratas estatais e empresários públicos;
“Socialismo” de Estado autoritário (URSS, Leste Europeu)	- promoveu a industrialização acelerada das economias periféricas do Leste Europeu;	- Padrão de desenvolvimento muito centrado nas indústrias de bens de capital, com baixa qualidade dos bens de consumo de massas; - concentração de poder econômico na burocracia estatal, com baixa influência do consumidor nas decisões alocativas;
“Socialismo” focado no consumo e planejamento participativos. (China)	- promoveu uma industrialização mais equilibrada e com criação de um mercado interno devido à reforma agrária; - manteve flexibilidade de mecanismos de mercado para atender as demandas do consumidor;	- risco de estagnação econômica causada pelo “igualitarismo selvagem” e excesso de controle sobre as decisões alocativas; - risco de aumento de desigualdades regionais.
Subdesenvolvimento e desenvolvimento industrializado voltado para a exportação ou integrado ao mercado externo (Japão, Coreia, Hong Kong, Taiwan)	- promoveu a industrialização e diversificação das economias e através do recurso ao capital estrangeiro - O caso do Japão é particular devido à ajuda externa no pós-guerra por razões geopolítica	- dependência excessiva do investimento estrangeiro e complementariedade das economias asiáticas em relação às economias mais avançadas
Subdesenvolvimento industrializado voltado para o mercado interno e transposição de plantas industriais (Brasil, Índia, Paquistão, México).	- governos progressistas podem promover uma industrialização limitada, mas ainda dependente de financiamento e importações externos;	- dependência financeira do exterior para financiar o desenvolvimento; - desigualdade social e surgimento de uma grande massa de trabalhadores desempregada, além da ausência de um mercado de consumo de massa;
Subdesenvolvimento exportador de commodities (maioria dos países da África, América Latina e Ásia)	- crescimento econômico baixo e concentrado no setor de commodities não gerando mercado interno capaz de estimular o processo de acumulação de capital.	- estagnação econômica secular e reduzido crescimento econômico, geralmente voltado para o desenvolvimento de commodities;

Fonte: Robinson (1971, 1979).

Para a autora, nenhum desses modelos aproveita plenamente os potenciais do princípio da automação no sentido de realizar plenamente os potenciais econômicos do ser humano, para transitar do reino da “necessidade” (ou seja, onde os seres humanos trabalham para satisfazer suas necessidades e carências de cunho material) para o reino da “liberdade” (onde os indivíduos podem alocar seu tempo em outras atividades que não aquelas voltadas para a subsistência e desenvolver seu potencial criativo e preferências de lazer).

JR não chegou a testemunhar o crescente processo de internacionalização econômica (globalização) que ocorreu nos diferentes países a partir da queda dos sistemas econômicos do Leste Europeu, das reformas orientadas para o mercado a partir dos anos 90, e do grande crescimento das economias asiáticas no século XXI, com destaque para a China e os tigres asiáticos. Entretanto, algumas disfuncionalidades e desequilíbrios apontados por ela em alguns dos sistemas econômicos analisados (como os do leste europeu e dos países do 3 mundo), se confirmaram empiricamente pouco tempo depois, ficando em aberto se ocorreu o mesmo com outras previsões e antecipações de cenários por ela realizados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, resumiremos alguns achados dessa pesquisa e algumas questões a serem retomadas e aprofundadas posteriormente. Vimos inicialmente a relevância de JR para o debate público e acadêmico contemporâneo, com algumas idéias ainda tendo influência nas questões debatidas pelos economistas atualmente. Em seguida, através do estudo bibliométrico nas bases bibliográficas disponíveis, verificamos o caráter multifacetado da produção sobre JR, com um predomínio do pós-keynesianismo, mas também dialogando com outras vertentes, como a microeconomia e macroeconomia ortodoxa, de viés neoclássico. Finalizamos o estudo bibliométrico fornecendo evidências de sua inserção específica no próprio campo keynesiano, abordando questões de “longo prazo” e de teoria do desenvolvimento, por um lado, e de outro incorporando questões do pensamento crítico e radical, situados de certa forma fora do campo keynesiano. Isso demonstra que, embora longe de ser uma economista eclética, JR realizou uma incorporação crítica de várias correntes teóricas a fim de fortalecer seu próprio projeto intelectual, consolidado após a redação de *A acumulação do Capital* (1956).

Por fim, numa segunda parte do estudo, de cunho mais qualitativo, procuramos aprofundar as indicações de alguns autores sobre a importância da teoria do desenvolvimento na evolução intelectual de JR. Procuramos demonstrar que ela não apenas “aplicou” o modelo teórico desenvolvido anteriormente mas, através do estudo comparado de sistemas econômicos em diversas regiões geográficas, retificou e desenvolveu algumas de suas concepções, incorporando outras variáveis à análise do processo de desenvolvimento, além de variáveis macroeconômicas relacionadas à acumulação de capital, ao mesmo tempo se tornando mais crítica em relação a experiências de industrialização acelerada que não redundavam em bem-estar coletivo, combate às desigualdades sociais, geração de emprego, atendimento às necessidades dos consumidores e que criasse uma infra-estrutura de bens públicos que redundasse em externalidades positivas para o conjunto da população e pequenos e médios empreendedores. A partir desse aparato analítico, JR apontou o que considerava ser anomalias em sistemas econômicos com o dos EUA, do antigo leste europeu (incluindo a antiga URSS), e processos de industrialização acelerada na periferia do capitalismo, como no caso do Brasil e outros países. Esses mesmos motivos a levaram a incorporar em sua agenda de pesquisas o estudo da experiência chinesa, fazendo sucessivas viagens ao país oriental para coletar dados para suas pesquisas. Para fechar o círculo, restaria fazer um estudo mais aprofundado da polêmica recente gerada em torno desse caso e seus impactos na obra de JR, agenda que pretendemos concretizar em seguida.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, I.; SUNDING, D. (1989). Joan Robinson as a Development Economist. In: FEIWEL, George R. (ed.)(1989). *Joan Robinson and modern economic theory*. London: Macmillan, 1989.
- AGUILAR, H. A., & SAVIANI, H. (2017). A evolução da macroeconomia Moderna entre perspectivas: em busca de uma sistematização. *Revista de Economia Contemporânea*, 21, p. 1-27.
- ALMEIDA, F. & PAULA, L. G. (2019). The place of uncertainty in heterodox economics journals: A Bibliometric Study, *Journal of Economic Issues*, 53:2, 553-562, DOI: 10.1080/00213624.2019.1603771
- ALMEIDA, FELIPE; MORTARI, VALÉRIA . Smartphones, Social Networks, and Fake News: Institutional Economics Approach to Decision Making in the Twenty-First Century. *Journal of Economic Issues*, v. 55, p. 342-348, 2021.
- ALMEIDA, J.; CAVALIERI, M. (2020). Understanding Clarence Ayres; criticism of an emerging mainstream and birthing institutionalism through the 1930s Ayres-Knight debate. *Journal of the History of Economic Thought*, v. 42, p. 401-416, 2020.
- ALVES, C. (2022). Joan Robinson on Karl Marx:" His Sense of Reality Is Far Stronger". *Journal of Economic Perspectives*, 36(2), 247-64.
- ARROW, KJ .(1989). Joan Robinson and modern economic theory: an interview. *Joan Robinson and Modern Economic Theory*, Springer, https://doi.org/10.1007/978-1-349-08633-7_3
- ASLANBEIGUI, N.; OAKES, G. (2009). *The provocative Joan Robinson: the making of a Cambridge economist*. Duke University Press.
- BOIANOVSKY, M. (2005). Some Cambridge reactions to The General Theory: David Champernowne and Joan Robinson on full employment. *Cambridge Journal of Economics*, academic.oup.com, <https://academic.oup.com/cje/article-abstract/29/1/73/1729997>
- BOIANOVSKY, M, & SERRA, G. (2022). Reports from China: Joan Robinson as Observer and Travel Writer, 1953–78. *History of Political Economy*, read.dukeupress.edu, <https://read.dukeupress.edu/hope/article-abstract/54/3/547/294693>
- BRITES, M. (2021). *Redes e Identidades dos Economistas Heterodoxos: estudos empíricos da produção científica*. 2021. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná.
- CARTER, Zachary D. (2021). The woman who shattered the myth of the free market. *The New York Times*, April, 24. Link: (acesso em: Agosto de 2022).
- CLEMENTE, A. J., et al. (2021). Smart cities: uma revisão de escopo no campo das ciências sociais (2015-2020). *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (96).
- CRUZ-E-SILVA, V.; CAVALIERI, M. (2012). A Coherentist Defense of Economics as an Interdisciplinary Social Science. *Journal of Economic Issues*, v. 55, p. 820-836, 2021.

- SILVA, V., & CURADO, M. (2018). Crossing boundaries: an assessment to the influence of post-Keynesianism on developmental macroeconomics. *Brazilian Journal of Political Economy*, 38, 611-628.
- FEIJÓ, R. L. C. (2008). A nova disciplina de sistemas econômicos comparados: uma proposta. *Brazilian Journal of Political Economy*, 28, 116-135.
- FEIWEL, George R. (ed.)(1989). Joan Robinson and modern economic theory. London: Macmillan, 1989.
- FERGUSON, C. & GOULD, J. (1994). *Microeconomia*—18. ed. Tradução: Almir Guilherme Barbassa e Antônio Pessoa Brandão, Revisão Técnica: Fernando Lopes de Almeida e Francisco Rego Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GALBRAITH, J. (1983) *O Novo Estado Industrial*. São Paulo: Pioneira.
- GIBSON, B. (Ed.). (2005). *Joan Robinson's economics: a centennial celebration*. Cheltenham, UK, Northampton, MA, USA: Edward Elgar.
- GRANT, M. J.; BOOTH, A. (2009). A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information and Libraries Journal*, v. 26, n. 2, p. 91-108. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>
- HARCOURT, G. C. (1998). Two views on development: Austin and Joan Robinson. *Cambridge Journal of Economics*, 22(3), 367-377.
- HARCOURT, Geoffrey; KERR, Prue. (2009). Joan Robinson's Views on Development Economics as Political Economy. In: Harcourt & Kerr (2009). *Joan Robinson*. Series "Great Thinkers in Economics". London: Palgrave-Macmillan, p. 141-
- HARCOURT, Geoffrey; KERR, Prue. (2009). *Joan Robinson*. Series "Great Thinkers in Economics". London: Palgrave-Macmillan.
- HARCOURT, G. C., & KRIESLER, P. (2011). The influence of Michał Kalecki on Joan Robinson's approach to economics. In: *Microeconomics, Macroeconomics and Economic Policy* (pp. 153-169). Palgrave Macmillan, London.
- HELLER, C. (1996). *Oligopólio e progresso técnico no pensamento de Joan Robinson*. Tese de Doutorado: IE-Unicamp.
- HELLER, C. (1997). A economia da concorrência imperfeita de Joan Robinson; uma interpretação. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. (1), p. 134-158.
- HICKS, J. (1937). Mr. Keynes and the "Classics": a suggested interpretation. *Econometrica*, v. 5, n. 2, p. 147-159.
- KUPFER, D. & HASENCLEVER, L. (orgs.). (2009). *Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticas no Brasil*. São Paulo: Elzivier.
- LAVOIE, M. (2009) *Introduction to post-Keynesian economics*. New York: Palgrave Macmillan.
- LINDBLOM, C. (1977). *Politics and Markets*. Nova York: Basic Books.
- MARCUZZO, M. C. (2003). Joan Robinson and the three Cambridge revolutions. *Review of Political Economy*, 15(4), 545-560.
- MARCUZZO, M. C., PASINETTI, L. L., & RONCAGLIA, A. (Eds.). (1996). *The Economics of Joan Robinson*. London/New York: Routledge.
- MARCUZZO, M. C. (2003). Joan Robinson and the three Cambridge revolutions. *Review of Political Economy*, 15(4), 545-560.

- MARGLIN, S. (2021). *Raising Keynes: A Twenty-First-Century General Theory*. Harvard: Harvard University Press.
- MYRDAL, G. (1961). *Beyond Welfare State*. Yale: Yale University Press.
- NEUBERGER, E. & DUFFY, W. (1976). *Comparative Economic Systems: a Decision Making Approach*. Boston: Allyn & Bacon.
- POSSAS, M. (1987). *Estruturas de mercado em oligopólio*. São Paulo: Hucitec.
- PRYOR, F. (1985) *A Guidebook to the Comparative Study of Economic Systems*. Nova Jersey: Prentice-Hall.
- RIMA, I. H. (1991). *The Joan Robinson Legacy*. London: Routledge.
- SHONFIELD, A. (1965). *Modern Capitalism. (The Changing Balance of Public and Private Power)*. Oxford University Press. New York and London.
- SILVA, V.; CAVALIERI, M. (2022). Patterns of interdisciplinary citations and asymmetry between economics and the neighboring social sciences from 1959 to 2018. *Nova Economia (UFMG)*, v. 32, p. 261-291, 2022.
- SILVA, V. N. L. C. ; CAVALIERI, M. A. R. ; CURADO, M. L. . On the transmission of Keynes? and Keynesian ideas in Brazil through Eugênio Gudin?s. *European Journal of the History of Economic Thought*, p. 1-20, 2020.
- SZMRECSÁNYI, T. (1983). *Apresentação*. In: *Ensaio sobre a Teoria do Crescimento Econômico*, São Paulo, Abril Cultural, 1983 (Coleção Os Economistas), p.263-300.
- TAHIR, P. (2019). *Making Sense of Joan Robinson on China*. Palgrave Studies in the History of Economic Thought. London: Palgrave Macmillan.
- TEIXEIRA, J. (1984). Em memória de Joan Robinson: a grande dama da economia. *Brazilian Review of Econometrics*, v. 4, n. 1, p. 124-131, 1984.
- TURNER, Marjorie (1989). *Joan Robinson and the Americans*. London: Armonk. New York: MIE. Sharpe, 1989
- VICKERS, J. ARROW, G. (1989). *Privatization: An Economic Analysis*. Cambridge: The MIT Press.
- IGLESIA, V. C. (2007). Joan Robinson, keynesiana de izquierda. *Mujeres economistas*, v. 1, p. 315-348.
- YANG S.; YUAN Q. (2017). *Are Scientometrics, Informetrics, and Bibliometrics different?* In: *International Conference on Scientometrics & Informetrics*, 16, 2017, Wuhan. Anais [...]. Wuhan: Wuhan University, 2017. p.1507-1518. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318940072_Are_Scientometrics_Informetrics_and_Bibliometrics_different>. Acesso em 15 set. 2020.
- ZIMBALIST, A. & SHERMAN, H. (1984) *Comparing Economic Systems: a political-economic approach*. Orlando: Academic Press.

OBRAS DE JOAN ROBINSON

- ROBINSON, J. (1933). *The Economics of Imperfect Competition*. London: Macmillan, 1933.
- ROBINSON, J. (1937). *Essays in the Theory of Employment*. London: Macmillan.
- ROBINSON, J. (1937). *Introduction to the Theory of Employment*. London: Macmillan, 1937.
- ROBINSON, J. (1942). *An Essay on Marxian Economics*. London: Macmillan, 1942.
- ROBINSON, J. (1943). *The Problem of Full Employment: An Outline for Study Circles*. Study Outlines n. 10. London: Workers Educational Association (WEA) and Workers Educational Trade Union Committee, September 1943.
- ROBINSON, J. (1951). *Collected Economic Papers*, vol. 1. Oxford: Basil Blackwell, 1951.
- ROBINSON, J. (1952). *The Rate of Interest and Other Essays*. London: Macmillan, 1952.
- ROBINSON, J. (1953). *On Re-reading Marx*. Cambridge: Cambridge Student's Bookshop Ltd, 1953.
- ROBINSON, J. (1956). *The Accumulation of Capital*. London: Macmillan. 1956.
- ROBINSON, J. (1958). *China: an economic perspective*. Fabian Tract , no. 314 (Fabian International Bureau). London: Davenport Press, 1958. With Sol ADLER; foreword by Harold WILSON.
- ROBINSON, J. (1960). *Collected Economic Papers*, vol. 2. Oxford: Basil Blackwell, 1960.
-
- ROBINSON, J. (1960). *Exercises in Economic Analysis*. London: Macmillan, 1960. Reprinted: PAE, vol. 5.
- ROBINSON, J. (1962). *Economic Philosophy: An Essay in the Progress of Economic Thought*. London: C.A. Watts & Co., 1962.
- ROBINSON, J. (1962). *Essays in the Theory of Economic Growth*. London: Macmillan, 1962.
- ROBINSON, J. (1964). *Notes from China*. Oxford: Blackwell, 1964.
- ROBINSON, J. (1964). Notes on the Theory of Economic Development. In *Collected Economic Papers*, vol. II. Oxford: Blackwell, p. 88-106.
- ROBINSON, J. (1965). *Collected Economic Papers*, vol. 3. Oxford: Basil Blackwell, 1965.
- ROBINSON, J. (1966). *Economics, An Awkward Corner*. London: George Allen & Unwin, 1966.
- ROBINSON, J. (1969). *The Cultural Revolution in China*. Harmondsworth: Penguin Books, 1969.
- ROBINSON, J. (1971). *Freedom and Necessity - An Introduction to the Study of Society*. London: George Allen & Unwin, 1970. Edição Brasileira: *Liberdade e necessidade; uma introdução ao estudo da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ROBINSON, J. (1971). *Economic Heresies - some old-fashioned questions in economic theory*. New York: Basic Books, 1971.
- ROBINSON, J. (1973). *An Introduction to Modern Economics*. London: McGraw-Hill, 1973.
- ROBINSON, J. (1973). *Collected Economic Papers*, vol. 4. Oxford: Basil Blackwell, 1973.
- ROBINSON, J. (1973). *Economic Management in China 1972*. London: Anglo-Chinese Educational Institute, Modern China Series no. 4, March 1973.

- ROBINSON, J. (1977). *Reports from China: 1953-1976*. London: Anglo-Chinese Educational Institute.
- ROBINSON, J. (1978). *Contributions to Modern Economics*. Oxford: Basil Blackwell, 1978.
- ROBINSON, J. (1979). *Aspects of Development and Underdevelopment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- ROBINSON, J. (1979). *The Generalization of the General Theory and Other Essays*. London: Macmillan, 1979.
- ROBINSON, J. (1980). *Collected Economic Papers*, vol. 5. Oxford: Basil Blackwell, 1980.
- ROBINSON, J. (1980). *What are the Questions and Other Essays - Further Contributions to Modern Economics* Oxford: Basil Blackwell, 1980.

ANEXO 01: PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES CITADAS NAS BASES DE DADOS SCOPUS E WS

Revista	Cluster	Base editorial	Quantidade artigos / links	Extensão total de conexão
Cambridge Journal Of Economics		The Cambridge Journal of Economics, founded in the traditions of Marx, Keynes, Kalecki, Joan Robinson and Kaldor, welcomes contributions from heterodox economics as well as other social science disciplines. Link: https://academic.oup.com/cje	312	4484
Journal of post keynesian economics		While the editors expect submissions that reflect Keynes's method and theoretical approach, the term post Keynesian is broadly interpreted to include the investigation of new problems, theoretical perspectives and policy proposals consistent with Keynes's vision of the open-ended nature of economic study and reflecting the work of Classical and Marxian economists as well as Robinson, Weintraub, Kaldor, Kahn, Eichner, Heilbroner, Graziani, Sylos Labini, Sraffa, Godley, Galbraith, Minsky, Boulding and others who have contributed to the evolution of the post Keynesian tradition. https://www.tandfonline.com/journals/mpke20	285	3849
American Economic Review		The American Economic Review is a general-interest economics journal. Established in 1911, the AER is among the nation's oldest and most respected scholarly journals in economics. A American Economic Review é uma revista acadêmica mensal revisada por pares publicada pela American Economic Association. Publicado pela primeira vez em 1911, é considerado um dos mais prestigiados e ilustres periódicos no campo da economia. https://www.aeaweb.org/journals/aer	281	5803
Economic Journal		The Economic Journal is one of the founding journals of modern economics first published in 1891. The journal remains one of the top journals in the profession and provides a platform for high quality, innovative, and imaginative economic research, publishing papers in all fields of economics for a broad international readership. Link: https://academic.oup.com/ej	251	4073
Quarterly Journal Of Economics		The Quarterly Journal of Economics is the oldest professional journal of economics in the English language. Edited at Harvard University's Department of Economics, it covers all aspects of the field. Link: https://academic.oup.com/qje/pages/About	190	3770
Journal of Political Economy		O Journal of Political Economy é um jornal acadêmico mensal com revisão por pares publicado pela University of Chicago Press. Estabelecido por James Laurence Laughlin em 1892, ele cobre economia teórica e empírica. No passado, a revista publicava trimestralmente desde a sua introdução até 1905, dez números por volume de 1906 a 1921 e bimestralmente de 1922 a 2019. O editor-chefe é Magne Mogstad (Universidade de Chicago). É considerado um dos cinco principais jornais de economia do mundo. https://www.journals.uchicago.edu/toc/jpe/current	174	3947
New Political Economy		New Political Economy is a bimonthly peer-reviewed academic journal covering research on international political economy. It was established in 1996 and is published by Routledge. The editor-in-chief is Colin Hay (University of Sheffield and Sciences Po Paris). It is one of the leading journals in International Political Economy, along with Review of International Political Economy. New Political Economy aims to create a forum for work which combines the breadth of vision which characterised the classical political economy of the nineteenth century with the analytical advances of twentieth century social science. https://www.tandfonline.com/action/journalInformation?show=aimsScope&journalCode=cnpe20	115	1789
History of Political Economy		Focusing on the history of economic thought and analysis, History of Political Economy has made significant contributions to the field and remains an important means of communication. In addition to book reviews, each issue contains the products of original research on the development of economic thought, the historical background behind major figures in the history of economics, the interpretation of economic theories, and the methodologies available to historians of economic theory. https://read.dukeupress.edu/hope	104	1668
Review of international political economy		The Review of International Political Economy é uma revista acadêmica bimestral, revisada por pares, que cobre a economia política internacional. A revista foi criada em 1994 e é publicada pela Routledge. De acordo com o Journal Citation Reports, em 2017, o periódico tem um fator de impacto de 2,532. Historically, three prominent approaches to IPE were the liberal, economic nationalist (mercantilist), and marxist perspectives. https://www.tandfonline.com/journals/riip20	77	1356
Journal of the History of Economic Thought		The Journal of the History of Economic Thought (JHET) is the journal of the History of Economics Society. JHET is a quarterly, refereed journal that welcomes papers reflecting the full spectrum of scholarly analysis within the history of economic thought and history of economic methodology. https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-the-history-of-economic-thought	39	592

ANEXO 02 – ECONOMISTAS ESTRUTURADORES DE CADA CLUSTER DE ARTIGOS SOBRE JR.

Autor	Breve biografia	Citações	Força de ligação
John Kenneth Galbraith	John Kenneth Galbraith (Iona Station, Ontário, 15 de outubro de 1908 — Cambridge, 29 de abril de 2006) foi um consagrado economista, filósofo, cientista político e escritor norte-americano. Politicamente alinhado ao liberalismo americano (ou seja, a esquerda daquele país), e crítico mordaz dos conservadores	142	1005
David Harvey	David Harvey (Gillingham, Kent, 7 de dezembro de 1935) é um teórico da Geografia britânico formado na Universidade de Cambridge. É professor da City University of New York e trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana. Em 2007 foi classificado como o décimo oitavo teórico vivo mais citado nas ciências humanas	115	815
Alfredo Saad Filho	Alfredo Saad-Filho é um economista marxiano brasileiro. Suas principais obras são o livro O Valor de Marx – Economia política para o capitalismo contemporâneo, feito em 2012, e o livro O Capital de Marx, publicado em 1975 em parceria com o professor de economia Ben Fine	82	637
Paul Davidson	Paul Davidson é um macroeconomista americano que tem sido um dos principais porta-vozes do ramo americano da escola pós-keynesiana em economia. Ele é um escritor prolífico e interveio ativamente em importantes debates sobre política econômica a partir de uma posição crítica da economia convencional	158	3418
Marc Lavoie	Marc Lavoie is among the leading post-Keynesian economists, known for his books on post-Keynesian economics and on the SFC approach (with Wynne Godley).	149	2688
Bresser-Pereira	Luiz Carlos Bresser-Pereira[1]KBE (São Paulo, 30 de junho de 1934) é um economista, cientista político, cientista social, administrador de empresas e advogado brasileiro. É professor da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, desde 1959, e edita a Revista de Economia Política desde 1981. Foi ministro da Fazenda do Brasil (1987) e, nessa condição, propôs uma solução geral para a grande crise da dívida externa dos anos 1980 na qual se baseou o Plano Brady, que resolveu a grande crise da dívida externa dos anos 80 [2][3] Foi também o criador do Plano Bresser, que reajustou as tarifas públicas defasadas e congelou salários, preços e o câmbio por 90 dias na expectativa de combater a inflação	47	276
Milton Friedman	Milton Friedman (Nova Iorque, 31 de julho de 1912 — São Francisco, 16 de novembro de 2006) foi um economista, estatístico e escritor norte-americano, que lecionou na Universidade de Chicago por mais de três décadas. Ele recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1976 e é conhecido por sua pesquisa sobre a análise do consumo, a teoria e história monetária, bem como por sua demonstração da complexidade da política de estabilização	155	3465
James Tobin	James Tobin (Champaign, 5 de março de 1918 — New Haven, 11 de março de 2002) foi um economista estadunidense. Professor na Universidade de Yale de 1950 a 1988, foi galardoado com o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1981, "por sua análise dos mercados financeiros e suas relações com as decisões de despesas, empregos, produção e preços". James Tobin foi um trabalhador incansável; até os 80 anos ainda dava expediente no seu gabinete em Yale. É autor de 16 livros e de mais de 400 artigos	121	2667
Harcourt, g.c.	Geoffrey Colin Harcourt AC (27 June 1931 – 7 December 2021) was an Australian academic economist and leading member of the post-Keynesian school. He studied at the University of Melbourne and then at King's College, Cambridge.	128	5569
Kaldor, n.	Nicholas Kaldor, nasceu em Budapeste em 12 de Maio de 1908 e faleceu em 30 de Setembro de 1986 em Inglaterra. O período de maior influência intelectual enquanto economista da Universidade de Cambridge deu-se no pós II Guerra Mundial. Já como cidadão britânico foi-lhe atribuído o título nobiliárquico de Barão Kaldor.	145	4395
Garegnani, p.	Pierangelo Garegnani (9 August 1930–14 October 2011) was an Italian economist and professor of the University of Rome III.[1] He was the Director of the Fondazione Centro Piero Sraffa di Studi e Documenti at the Federico Caffè School of Economics, and also the literary executor of the works, documents and papers left by the Italian economist Piero Sraffa to the University of Cambridge's Wren Library.	89	3407
Maria Cristina Marcuzzo	I am Full Professor in Political Economy at the University of Rome, "La Sapienza", Fellow of the Italian Academy of Lincei. I have worked on classical monetary theory, the Cambridge School of Economics, Keynesian economics, and more recently on Keynes's investments in financial markets. I have published about 100 articles in journals and books, plus authoring or editing 20 volumes. (Fonte: https://www.routledge.com/authors/i17453-maria-cristina-marcuzzo)	42	1227
Sraffa, p.	Nascido em Turin, Itália, de uma família judia de posses, Piero Sraffa fez os estudos iniciais em sua cidade natal e graduou-se na universidade local com um trabalho sobre a inflação na Itália durante e depois da Primeira Guerra Mundial. Seu orientador foi o economista Luigi Einaudi, que viria a ser o segundo presidente da República da Itália. Em 1921 em viagem de estudos a Cambridge, Inglaterra, conheceu John Maynard Keynes. Tornou-se professor de Economia Política nas universidades de Perugia em 1924 e de Cagliari, Sardenha, em 1926. Em 1927 emigrou para a Inglaterra e assumiu um posto de conferencista na Universidade de Cambridge a convite de Keynes. Sraffa foi um dos reavaliadores da obra de David Ricardo, tendo editado as obras completas do economista inglês. Seu pensamento econômico pode ser caracterizado como neo-ricardiano ou pós-keynesiano. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Piero_Sraffa)	51	1567
Samuelson, p.	Paul Anthony Samuelson (Gary, 15 de maio de 1915 — Middlesex, Massachusetts, 13 de dezembro de 2009) foi um economista norte-americano, amplamente reconhecido como um dos formuladores mais importantes da ciência econômica moderna e figura de particular relevância na história do pensamento econômico em geral. Graduiu-se na Universidade de Chicago[1], onde recebeu uma educação econômica tradicional ou neoclássica. Posteriormente, com a revolução econômica decorrida da obra A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, de autoria de John Maynard Keynes, aderiu ao keynesianismo. Ele foi um dos maiores divulgadores do pensamento keynesiano nos EUA.[4]	133	3100
John Hicks	John Richard Hicks, Kt. (Leamington Spa, 8 de abril de 1904 — 20 de maio de 1989) foi um economista britânico. É considerado um dos economistas mais importantes e influentes do século XX. As mais conhecidas de suas muitas contribuições no campo da economia foram sua declaração da teoria da demanda do consumidor em microeconomia e o modelo IS-LM (1937), que resumia uma visão keynesiana da macroeconomia. Seu livro Value and Capital (1939) ampliou significativamente a teoria do equilíbrio geral e do valor. A função de demanda compensada é chamada de função de demanda Hicksiana em sua memória.	126	1387
Thostein Veblen	Thorstein Bunde Veblen foi um economista e sociólogo estadunidense, filho de imigrantes noruegueses. Veblen se formou em Filosofia pela Universidade Johns Hopkins e doutorou-se por Yale. Representante da escola neoinstitucionalista em economia.	99	1005
Bruce Mcfarlane	Economista australiano influenciado pelo marxismo que escreveu um livro sobre a China com prefácio de Joan Robinson intitulado <i>The Chinese Road to Socialismo</i> (Monthly Review Press, 1969).	29	348